

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ana Carolina dos Santos Gomes

“Jogos Cooperativos: Questionamentos Rumo a uma
Transformação”.

Campinas
2008

Ana Carolina dos Santos Gomes

“Jogos Cooperativos: Questionamentos Rumo a uma
Transformação”.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)
apresentado à Faculdade de Educação Física
da Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Licenciada em
Educação Física.

Mestrando Joaquim Francisco de Lira Neto

Campinas
2008

Ana Carolina dos Santos Gomes

“Jogos Cooperativos: Questionamentos Rumo a uma
Transformação”.

Este exemplar corresponde à redação
final do Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) defendido por Ana Carolina
dos Santos Gomes e aprovado pela
Comissão julgadora em: __/__/____.

Orientador

Mestrando Joaquim Francisco de Lira
Neto

Banca Examinadora

Prof. Dr. Lino Castellani Filho

Campinas
2008

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter me sustentado neste difícil ano em que muitos fatos indesejados aconteceram, porém somente Ele deve ter o entendimento completo disto. Por mais que tenha sofrido com estes acontecimentos, acredito que Deus tem um grande motivo para os ter permitido em minha vida.

Em seguida agradeço à minha mãe Teresinha dos Santos, pois sem ter uma mãe como ela, com certeza, jamais teria chegado até este momento. Por mais que seja difícil continuar a vida sem sua presença física, o meu conforto é saber que tudo que me ensinou é verdade. Por mais que sua morte tenha sido dolorida, tenho certeza de que agora ela está na vida eterna, feliz por ter cumprido com sua missão neste mundo.

Agradeço à minha irmã Daniela dos Santos Gomes, por desde o meu nascimento ser minha segunda mãe e até mesmo neste momento tão dolorido, não deixou de cuidar de mim nem por um segundo. Ao meu irmão Fabiano dos Santos Gomes, por mais que tenhamos nos afastado não posso me esquecer que meu gosto pela leitura e pelos estudos é na verdade consequência de ter ganhado dele, logo que aprendi a ler, uma assinatura anual de uma revista em quadrinhos. Só eu sei como isto influenciou em minha vida.

Terminando os agradecimentos familiares, Alfredo Gomes, meu pai, pois como minha própria mãe dizia, sem sua contribuição isto tudo não seria possível.

Não posso deixar de citar Rodrigo de Andrade Maggioni e sua família. Sua importância não é de ser somente meu namorado, mas sim de ser meu companheiro, meu apoio. De ser meu riso nos bons momentos e de ser minhas lágrimas quando estou sofrendo. Sem ele e sua família, os fatos que antecederam esta monografia seriam fisicamente insuportáveis.

Agradeço a Joaquim Francisco de Lira Neto, por ter sido a única pessoa em 2006 que julguei ser capaz de ser meu orientador para que este trabalho fosse de fato um bom trabalho. O agradeço pela confiança depositada, pelo apoio dado e sem dúvida, pela paciência (que não deve ter sido pouca).

Ao professor Sérgio Stucchi, que na verdade não tem ação direta neste trabalho, mas que desde o início do curso manteve-me ativa e foi um dos poucos professores desta casa que senti a liberdade de sentar em sua sala e conversar.

Em último lugar agradeço a aqueles que durante todos os anos desta graduação me ensinaram muitas coisas, incluindo a principal idéia deste trabalho. São eles: Mônica Redher Bonon, Mariana Z. Martins, Marina Kawanishi, Gustavo Nogueira e a todos os que encontrei pelo Movimento Estudantil de Educação Física, pelas horas, dias, meses e anos de conversas, debates (às vezes acalentados) e e-mails, nos quais muitas idéias foram questionadas, muitas risadas foram dadas e sem dúvida, uma grande mudança gerou em mim desde o dia que iniciei meus estudos nesta Universidade. Resultando na certeza de que assumimos a responsabilidade de realizar ou de pelo menos tentar fazer a transformação que é possível nesta sociedade, usando como um dos meios a Educação Física.

SANTOS GOMES, Ana Carolina dos. **Jogos Cooperativos: Questionamentos Rumo a uma Transformação.** 2008. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Resumo

O presente trabalho trata dos Jogos Cooperativos com uma visão diferente das conhecidas teorias sobre o assunto. Enquanto estas tentam, muitas vezes, apenas remediar as consequências da competição, este trabalho faz o questionamento de qual sua origem. Este questionamento exige que se pense na atual sociedade na qual vivemos, como chegamos até este ponto e quais as consequências de continuarmos a reproduzir um tipo de sociedade que na verdade não necessita de ganhadores, mas sim de derrotados. A pesquisa tem como apoio conceitos marxistas de homem, de sociedade, de Educação Física e de escola. A parte prática é caracterizada como uma pesquisa participativa e foi realizada em uma escola estadual na região rural do município de Campinas, tendo como sujeitos 27 discentes de uma turma de oitava série, tendo em média 14 e 15 anos. A coleta de dados foi feita através da aplicação de dois questionários e entre eles, a aplicação de um jogo, jogado inicialmente de forma competitiva e logo após, de forma cooperativa. Assim que terminadas as duas formas de jogo foram feitas algumas perguntas aos alunos, para que pudéssemos ter uma outra fonte de informações que não somente a escrita. Em poucas linhas, podemos dizer que não é muito claro aos discentes a diferença fundamental entre uma cooperação usada na sociedade capitalista e uma cooperação transformadora, chegando até a causar implicações no entendimento do que realmente é um jogo cooperativo. Este fato deve ser analisado de forma ampla, pois tanto na Educação Física escolar quanto nos jogos do cotidiano dos sujeitos da pesquisa, não é muito presente uma outra forma de jogar que não a competitiva. Isto também acontece com teorias sobre o jogo, como no caso de Vygotsky que comenta somente sobre jogos competitivos. Tendo como motivo maior destes acontecimentos a relação dominante em última instância da infra-estrutura. Finalmente, defendemos o uso de Jogos Cooperativos como conteúdo de uma Educação Física escolar comprometida com uma transformação da sociedade, esta construída coletiva e conscientemente, não na base do mérito, mas sim no acesso igualitário.

Palavras-chaves: Jogos Cooperativos; Sociedade; Transformação; Educação Física escolar.

SANTOS GOMES, Ana Carolina dos. **Jogos Cooperativos: Questionamentos Rumo a uma Transformação.** 2008. 65f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Résumé

Ce travail traite de la Coopérative des Jeux avec un point de vue différent des théories connues sur le sujet. Même si elles essaient, souvent seulement de remédier aux effets de la concurrence, ce travail est la remise en cause de ce que leur origine. Cette question nous oblige à penser dans la société actuelle dans laquelle nous vivons, comment pouvons-nous arriver à ce point et les conséquences de continuer à jouer un type de société qui en fait n'a pas besoin de gagnants, mais de vaincu. La recherche est d'appuyer les concepts marxistes de l'homme, de la société, de l'éducation physique et de l'école. La partie pratique est caractérisée comme la recherche participative et a eu lieu dans une école publique située dans la région rurale de la ville de Campinas, avec 27 étudiants en tant que sujets d'une classe de huitième année, en prenant en moyenne 14 et 15 ans. La collecte des données a été faite par la mise en oeuvre de deux questionnaires et entre eux, l'application d'un jeu, initialement joué dans un contexte de concurrence et peu de temps après, de manière coopérative. Une fois que nous avons terminé les deux formes de jeu ont posé des questions aux élèves afin que nous puissions avoir une autre source d'information non seulement à écrire. En quelques lignes, nous pouvons dire que ce n'est pas très clair aux étudiants la différence fondamentale entre la coopération utilisée dans une société capitaliste et un secteur coopératif, des implications dans la compréhension de la cause de ce qui est vraiment un jeu coopératif. Ce fait devrait être étudiée dans les grandes, parce que les deux en éducation physique à l'école que les jeux quotidiens des sujets de la recherche, n'est-ce pas une autre façon de jouer de la concurrence. Cela arrive aussi que les théories sur le jeu, tels que Vygotsky a dit que seuls les jeux sur la concurrence. Compte tenu de ces événements comme une raison de plus dominante en fin de compte la relation de l'infrastructure. Enfin, nous préconisons le recours à la Coopérative des Jeux en tant que contenu de l'éducation physique de l'école attachée à une transformation de la société, le collectif et construit consciemment, et non pas sur la base du mérite, mais sur l'égalité d'accès.

Mots clés: Jeux Cooperative; Société; Transformation; Éducation Physique Ecolaire.

Sumário

Introdução.....	09
1. O Jogo, a definição.....	10
1.1 A Função do Jogo.....	11
2 A Possibilidade de uma Contradição.....	15
2.1 A Problemática.....	16
3 Os Jogos Cooperativos em Si.....	17
4 Competição como forma de Eugenia.....	22
4.1 A explicação.....	24
5 A Pesquisa de Campo.....	27
5.1 Os Objetivos e a Metodologia.....	27
5.2 Os Sujeitos da Pesquisa.....	27
5.3 Coleta de Dados.....	28
6 Análise de Dados.....	29
6.1 Respostas e Análises do Primeiro Questionário.....	29
6.1.1 Primeira Pergunta.....	29
6.1.2 Segunda e Terceira Pergunta.....	32
6.1.3 Quarta Pergunta.....	37
6.2 O Jogo Realizado e as Conversas.....	39
6.3 Análises e Comentários.....	40
6.4 Respostas e Análises do Segundo Questionário.....	42
6.4.1 Primeira Pergunta.....	42
6.4.2 Segunda Pergunta.....	43
6.4.3 Terceira e Quarta Pergunta.....	46
6.5 Considerações sobre os Questionários.....	50
7 Jogos Cooperativos: Uma Necessidade na Educação Física Escolar.....	52
7.1 Por Que (n) a Escola?.....	52
7.2 Na mesma praça, no mesmo banco.....	55
8 Considerações Finais.....	57
Apêndice 1 – Questionário Inicial Para Discentes.....	59
Apêndice 2 – Segundo Questionário Para Discentes.....	60
Apêndice 3 – Jogo do telefone sem-fio e mudo.....	61
Referências.....	63

Introdução

Este trabalho tem como objetivo confrontar as representações de determinados discentes de uma instituição formal de ensino quanto à raiz da competição, presente em jogos e em outras esferas da vida social, com a ontologia do ser social de Marx.

Buscaram-se representações acerca da raiz da competição em discentes, antes e depois da vivência de um jogo, este jogado de forma competitiva e depois cooperativa, seguido de uma breve discussão para que fossem explicitados quais os objetivos presentes em cada forma de jogar e como foram percebidos e solucionados pelos discentes. Tendo também os questionários, a função de buscar nas representações dos sujeitos da pesquisa uma possível ligação entre as situações presentes nos jogos e as ocorridas em nossa sociedade.

Este trabalho tem o intuito de questionar o conceito da natural competição nos homens, para que assim, seja possível à Educação Física escolar optar por uma atuação comprometida com a transformação social, ao invés de apenas aceitar fatos e continuar a reproduzir conceitos e conhecimentos com a simples justificativa de teorias que afirmam que o homem é naturalmente competitivo e de que certas práticas, por serem fruto de uma produção humana, devem permanecer e serem repassadas às futuras gerações, independente dos valores e objetivos que estejam nelas implícitos.

Optando por uma nova alternativa, a Educação Física escolar possibilitará uma prática político-pedagógica comprometida com a conscientização dos alunos, ajudando-os a se transformarem em cidadãos críticos e não meramente como receptores de valores, conceitos e práticas, sem se questionarem qual o real objetivo e as consequências disto.

A pesquisa tem como base o materialismo histórico e dialético, ou seja, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, onde os dados não foram mensurados, mas houve sim, a tentativa de serem compreendidos de acordo com seu contexto. Para isso, o material teórico básico é marxista, tendo muitas vezes a grande presença de textos do próprio Marx, assim, como de teóricos que buscam a integração desta teoria a uma prática coerente com uma transformação social, por exemplo: Vygostky, Saviani, Soares et [al].

1 O jogo, a definição

Para ter um entendimento claro sobre o tema a ser tratado é necessário primeiramente conceituarmos algo fundamental, o jogo. Este fenômeno tem sido estudado pelos mais diferentes autores e das mais diferentes maneiras, porém para que sejamos coerentes com o propósito traçado anteriormente, iremos adotar como referência Vygotsky, por ser um autor que tentou aliar sua área de estudo (psicologia) com a teoria marxista, entendendo-o como o autor da definição que melhor corresponde com o objetivo deste trabalho.

Em sua obra Vygotsky (1999), entende jogo e brinquedo como sinônimos, - porém, iremos adotar somente o termo jogo – e para ele, este fenômeno justifica-se por ser uma forma da criança realizar, no início de sua vida e de forma imaginária, um desejo que momentaneamente não pode ser realizado e nisto é inquestionável a presença de regras, pois para o autor “não existe brinquedo sem regras. A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento” (VYGOTSKY, 1999, p.124). Sendo este o ponto mais importante para nós, pois trata do jogo não como algo desconexo do contexto social, mas sim como algo que tem forte influência dele.

Sobre regras de comportamento é válido usar o exemplo dado pelo autor da criança que brinca de ser mãe de sua boneca (com a mesma atitude que sua mãe tem com ela), ou seja, há nesta cena uma “reprodução da situação real” (VYGOTSKY, 1999, p. 135), pois, para o autor, nas primeiras brincadeiras, a criança brinca com a maior influência da situação imaginária e com as regras de comportamento implícitas, neste caso esta brincadeira “é uma situação imaginária, mas é compreensível somente à luz de uma situação real que, de fato, tenha acontecido” (VYGOTSKY, 1999, p. 135). Em resumo, para uma garota nascida em uma sociedade machista, como a que atualmente vivemos, é absolutamente normal que brinque de ser mãe de sua boneca, que reproduza aquilo que geralmente vê dentro de sua casa.

Uma prova disto foi o que aconteceu com um leitor da revista Nova Escola, que ao ler uma matéria intitulada “Brincadeiras não têm sexo” (2007, edição 203), escreveu à redação declarando seu descontentamento. Por sua carta ter sido publicada na edição seguinte (2007, edição 204), iremos transcrevê-la para melhor entendermos o valor e a importância das

regras de comportamento dados às brincadeiras para algumas pessoas de nossa sociedade, incluindo professores. Como podemos ler em:

Como educador, fiquei extremamente triste com a reportagem. Ela ensina e até estimula que meninos brinquem de boneca... Por favor, me apontem algum educador que defenda esse ponto de vista e não me venham com os moderninhos marxistas. Espero sinceramente encontrar nas páginas de Nova Escola outra reportagem em contraposição a essa tão horrorosa. (SILAS, 2007, edição 204, p.12)

Como pudemos observar, não é somente para Vygotsky que os jogos têm a presença de regras de comportamento implícitas, sendo estas regras de comportamento definidas socialmente, segundo a própria matéria da revista: “para muita gente estas crianças (...) não estão cumprindo bem o papel definido *pela sociedade* para o sexo feminino e masculino” (2007, edição 203, p. 104)¹

1.1 A função do jogo

Mas na forma de jogar ocorre um desenvolvimento, pois o que antes era apresentado com uma situação imaginária explícita, com regra de comportamento implícita, evolui para o jogo com regras explícitas e situação imaginária implícita, oculta (VYGOTSKY, 1999). Mas se nas primeiras formas de jogar existem regras de comportamento socialmente esperadas expressadas de forma implícita, será que a partir de sua expressão explícita, aberta, elas mudam de objetivo? O que queremos falar é que essas regras de comportamento podem ter maior elo com outras esferas de nossa sociedade (contrariando a filosofia positivista, na qual tem como principal argumento a neutralidade), do que imaginamos ou que querem que possamos imaginar.

Porém, para poder entender este ponto, precisamos de mais dois argumentos: o primeiro é um pouco extenso e diz respeito sobre o que Marx (1978) fala sobre a relação de infraestrutura (relações de produção) e superestrutura e o segundo diz respeito ao que Vygotsky

¹ Grifo nosso.

chama de propósito do jogo (p.135), sendo que em seu texto cita somente os jogos competitivos, ou seja, os que têm como único objetivo/ propósito, a vitória .

E para um total entendimento, é necessário que a relação entre infra e superestrutura, segundo Marx, seja mais bem explicada para que assim, possamos entender qual o elo das regras presentes em jogos com outras esferas de nossa sociedade.

A relação entre infra-estrutura e superestrutura ocorre porque:

Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência.
(MARX, 1978, p.130).

Podemos explicar esta citação de uma forma mais simples se pensarmos em um edifício, o qual sua base é a infra-estrutura, e segundo esta citação, esta base irá determinar como os andares deste edifício (no caso a superestrutura) irão se desenvolver.

E é justamente neste ponto que ligamos os dois argumentos, o de propósito do jogo e a de determinação da superestrutura pela infra-estrutura, pois partindo do princípio marxista de que vivemos atualmente em uma sociedade capitalista - dividida em classes, baseada na venda da força de trabalho da classe operária, força esta que será paga pela classe burguesa, proprietária dos meios de produção e que tem como principal objetivo a manutenção de seu *status quo* - rapidamente iremos entender que esta será a base para uma sociedade que terá todos os seus outros aspectos (político, jurídico e intelectual) incluindo os jogos, determinados por esta forma de relação produtiva.

Com este raciocínio marxista, faz todo sentido quando Vygotsky fala sobre o propósito do jogo utilizando somente o exemplo de jogos (competitivos) cujo único objetivo é vencer, pois em uma sociedade onde tudo pode ser vendido, que as pessoas precisam vencer umas às outras para supostamente obterem sucesso, é totalmente cabível a presença de jogos que reproduzam esta realidade e reforce este papel esperado de “cidadão”.

Também podemos citar uma outra definição que não exclui de modo algum a inicialmente citada, mas a complementa, ajudando-nos a reforçarmos o conceito de que no jogo o

contexto social tem forte importância: “[...] na dimensão humana, o jogo é moldado pelo meio cultural. Tem função significativa, posto que carrega sentido [...] manifesta as regras, os costumes e os valores da cultura em que se desenvolve” (SCAGLIA, 2003, p.141).

2 A possibilidade de uma contradição

Porém, se toda vez a infra-estrutura determinasse a superestrutura e os jogos somente reproduzissem as situações reais que ocorrem em nossa sociedade todos os dias, seria impossível ocorrer uma transformação da sociedade. Seria como viver em algo estático, sem possibilidade de melhora.

Em relação a isto é que, nesta pesquisa, nos juntamos a algumas pessoas envolvidas não somente com a Educação Física, mas também com outras formas de jogo, tendo diferentes razões a isto (tentativa de ajudar a diminuição da violência, humanizar o esporte ou até mesmo fazer as pessoas, ao jogar, questionem-se sobre o que estão sendo ‘educadas’).

Nesta outra forma de jogar é que apontamos uma contradição ao raciocínio anteriormente exposto, esta se denomina Jogo Cooperativo.

Mas como? Como pode ocorrer uma forma de jogar que não seja produto e que ao mesmo tempo reproduza e sustente as relações de produção atuais?

Como dissemos, se tudo fosse reprodução, a sociedade seria estática, o que não corresponde com a realidade, tendo em vista as revoluções importantíssimas que já aconteceram e suas consequências que até hoje estão mudando o mundo.

Há a possibilidade de algo que faça parte da superestrutura, no caso, o jogo, seja não somente algo determinado pela base (infra-estrutura), mas também cause efeito nela, ou seja, algo que pode também influenciar, afinal de contas, se trata de uma relação dialética. Nas palavras do próprio Engels, o maior companheiro e co-autor de Marx em diversas obras:

A noção de determinação ‘em última instância’ permite-lhe substituir essa concepção por uma idéia ‘dialética’ de causalidade, pela qual o fator em última instância determinante não exclui a determinação pela superestrutura que, como causa secundária, pode produzir efeitos e ‘reagir’ sobre a base (ENGELS, 1893, p.42).

Não queremos de forma alguma cometer o mesmo erro que para Lira (2005) cometeram alguns autores, ou seja, de pensarem que a transformação da sociedade se dá de forma unilateral, partindo somente das idéias. Pelo contrário, também nos pautaremos neste trabalho nas condições materiais de existência, mas como já dito por Engels, com suas reações produzidas na superestrutura.

Por mais, que estejamos vivendo em uma sociedade Capitalista, com relações de produção que a contemple, pensando em uma relação dialética e com apoio nas palavras de Engels, é possível sim a existência dos jogos cooperativos.

2.1 Problemática

Um ponto que não podemos deixar de esclarecer é que por mais que as obras de Marx tenham profunda relevância não somente na sociologia, mas também em outras áreas, devemos levar em consideração que sua obra deve ser vista como um material histórico, ou seja, corresponde não somente ao contexto da época, mas também porque há o fato da própria duração de vida do autor.

Em outras palavras, tudo o que pensava, não pode ter sido publicado, porém isso foi resolvido em alguns aspectos com a ajuda de Engels, já que este era uma pessoa muito ligada a Marx e ainda teve mais algum tempo para publicar alguns documentos e solucionar algumas dúvidas.

O que se torna um problema, é que além dos leitores muitas vezes se esquecerem do fato dos documentos terem influência do contexto, muitas vezes também levam somente em conta o que foi escrito por Marx, sem se preocuparem em buscar as explicações.

3 Os Jogos Cooperativos em si

Entendendo que os jogos que geralmente conhecemos, com objetivos competitivos não são as únicas possibilidades, iremos falar mais detalhadamente sobre os Jogos Cooperativos.

Quando falamos que nesta pesquisa nos juntamos a algumas pessoas envolvidas com não somente com a Educação Física, mas também com outras formas de jogo, estávamos nos referindo principalmente a Terry Orlick, Fábio O. Brotto e Guillermo Brown.

São estes os principais nomes em relação às obras sobre Jogos Cooperativos, sendo não os únicos, mas os que ganham relevância porque a maioria dos outros autores são na verdade tão influenciados que acabam por não nos revelar muita coisa em seus trabalhos.

Cada um destes três autores tem uma relação e objetivo diferente com os JC², sendo o primeiro Orlick, autor da obra *Vencendo a Competição: Como usar a Cooperação*, irá relatar suas experiências com alunos do Canadá, sua preocupação com a crescente violência e seus estudos feitos com os *inuits* – povo que vive em áreas ao norte do Canadá, acerca do surgimento dos JC.

Brotto tem seu caminho iniciado na Universidade Estadual de Campinas, seu trabalho com os JC iniciou-se em sua dissertação de mestrado estendendo-se também para sua tese de doutorado. Seu principal objetivo é fazer com que as pessoas entendam que podemos continuar jogando competitivamente, porém, sem nos afastarmos uns dos outros, sem encarar o adversário do jogo como um inimigo.

Já Brown, em seu livro *Jogos Cooperativos: Teoria e Prática*, irá fazer um paralelo com suas experiências como professor e como habitante da América Latina, uma região que muitas vezes é submetida à exploração para satisfazer os caprichos de países mais poderosos e que não somente impõe a ideologia que vivemos atualmente, mas também, necessitam dela e de suas formas de manifestação/ reprodução.

Mas por mais que citamos estes três autores como principais, não nos sentimos contemplados por todos.

² A partir de agora iremos abreviar Jogos Cooperativos por simplesmente JC.

Para Orlick, os JC não se dão como uma forma de construção coletiva, ou seja, que o aluno e professor aprendem e constroem juntos o conhecimento do porquê da necessidade de outra forma de jogar, quais os valores implícitos (ou muitas vezes, até mesmo claramente explícitos) na forma competitiva de jogo.

Para reduzir o problema da agressividade destrutiva nos esportes infantis, podemos começar por *ensinar* às crianças valores apropriados e autocontrole desde a primeira vez que elas entram em uma quadra de gelo ou em um campo. *Podemos criar estratégias*³ que tornem o resultado numérico dos jogos menos crucial e urgente. Nos esportes de contato, podemos introduzir versões sem golpes e sem contatos (ORLICK 1989, p.74)

Podemos observar que este pequeno trecho é direcionado aos professores, o quais – somente eles - têm a incumbência de criar “estratégias” para que o jogo e suas conseqüências (no caso, são um tanto pontuais) se transformem. Adicionando a isto o termo antes mencionado “ensinar”, nos remete a idéia de que o professor é detentor de todo bom conhecimento, que a educação é uma via de única mão, onde todo e qualquer ensinamento deve partir do “mestre” e que isso se reproduz nos JC, sendo este, um ponto o qual nos ateremos mais à frente.

Outro ponto importante na obra de Orlick é que nela, ele cita sua convivência com os *inuits* (povo que habita o norte do Canadá), o qual servirá para que ele faça uma relação entre cooperação e natureza humana. Como se o povo inuit fosse cooperativo, por ser, aparentemente, afastado da sociedade canadense. Como se tivesse uma espécie de pureza, de bondade natural.

Porém o autor não faz uma análise pelo viés de que cooperação e competição são sociais, ou seja, dependendo de como será a estruturação na sociedade na qual vive, competição ou cooperação será a forma dominante de jogar ou de se relacionar com os outros.

Para melhor explicar nossa crítica a este ponto, utilizamos Fromm (1962, p.35) quando nos ajuda a entender o que é natureza humana no pensamento marxiano.

Há duas formas de impulsos humanos, os *fixos*, entendidos como fome e apetite sexual – que irão variar na forma e direção de acordo com a cultura – e os *relativos*, “que não fazem parte integrante da natureza humana, mas ‘devem sua origem a certas estruturas sociais e condições de produção e de comunicação’” (FROMM, 1962, p.135).

Sendo assim, cooperação não é algo que nasceu com os inuits, mas sim, resultado de sua forma de organização social.

³ Grifo nosso.

Cabe também a Orlick a mesma falha que consideramos de Brotto: para estes dois autores é possível a existência de formas competitivas excluindo-se ou amenizando a violência, ressignificando a competição.

O que eles não enxergam ou pelo menos não citam em suas obras, é justamente o principal ponto que já citamos, que sendo o jogo algo cultural, com determinadas regras de comportamento, os jogos competitivos corresponderão somente às expectativas de um modo de vida capitalista (BROWN, 2004, p.14), caso queiramos transformar esta sociedade, deveremos – todos - transformar por completo todas as suas estruturas, no nosso caso – mais especificamente, o jogo.

As conseqüências deste erro podem ser bem explicadas nas palavras de Mészáros (2005), mesmo que ele fale deste erro na perspectiva educacional, é possível entender a conexão:

Suas posições críticas poderiam, [...] remediar os piores *efeitos* da ordem reprodutiva capitalista estabelecida sem, contudo, eliminar os *fundamentos causais* antagônicos e profundamente enraizados (MÉSZÁROS, 2005, p. 26).

Sendo justamente neste ponto o qual encontramos apoio na teoria de Brown, pois em momento algum o autor deixa de fazer relação entre a forma competitiva de jogar e a ideologia dominante.

São inúmeras as passagens na obra de Brown que encontramos apoio, valendo a pena citar algumas delas, por exemplo:

Do mesmo modo como se aceita normalmente, que uma equipe ganhe da outra, também se aceita, como algo natural, a dominação na sociedade. Acredita-se que aquele que ganha merece o triunfo, porque é forte. Igualmente se aceita que o dono da fábrica está onde está porque soube esforçar-se e trabalhar (BROWN, 2004, p.16).

Assim como:

Como vemos, a competição não é somente uma relação de dominação, uma forma de funcionamento social, mas também é uma maneira de explicar a realidade, justificar a situação como parte de uma “ordem natural” ou o destino e, assim, negar e invalidar qualquer possibilidade de mudança (BROWN, 2004, p. 17).

Mas afinal, o leitor que através deste trabalho tem pela primeira vez contato sobre este tipo de jogo, deve estar com inúmeras dúvidas, dentre elas: o que, afinal, são os Jogos

Cooperativos? O que tem de essencial a eles? Como é um JC, em outras palavras, quais são seus exemplos práticos?

Os Jogos Cooperativos, como qualquer coisa que exista em nossa sociedade, representa o momento histórico no qual se insere. Queremos dizer com isso que nossa pretensão não é engessar um conceito sobre esse tipo de jogo, pois poderíamos cair na mesma falha que caiu, parcialmente, Vygotsky (quando ao se referir aos jogos, refere-se somente aos competitivos), ou seja, de que daqui a alguns anos esta pesquisa não corresponda à realidade, devido a sua superação em todos os sentidos. O que podemos fazer é dizer que atualmente vem sendo os JC e o que atualmente, para os autores é essencial.

Na obra de Batista (2006), o autor elenca pontos essenciais à estrutura dos JC com a ajuda do que já foi apresentado pelos autores aqui já citados. Dentre estes pontos, os quais são presentes em todas as obras, são:

- Todos os participantes são colegas, não inimigos;
- O objetivo é vencer o desafio (coletivamente) e não aos outros;
- As regras são adaptáveis, flexíveis e construídas coletivamente, para que seja contemplada a participação de todos, igualmente;
- A preocupação está no processo, não no resultado, ou seja, há a possibilidade de maior criatividade, pois o desempenho não será medido no final.

Resumidamente, os JC são jogos os quais os participantes devem estar unidos para juntos transpor um obstáculo e não subjugar um time adversário. As regras sendo construídas coletivamente, não precisam ser fixas, pois os participantes devem estar preocupados com a participação ativa de todos, que todos estejam bem e por este motivo também não é necessário a figura de um “juiz”, ou seja, de uma figura reguladora.

Sobre a possibilidade de uma maior ocorrência de criatividade, justifica-se porque quando se tem a preocupação com o resultado, onde se é pressionado para apresentar o melhor de si sempre, fica debilitado o poder de criação dos jogadores. Pois em um jogo competitivo, o importante é fazer o que certamente resultará em vitória, não podendo arriscar.

Uma pergunta freqüente na boca das pessoas que ouvem pela primeira vez sobre o assunto é: “Você pode dizer um exemplo deste tipo de jogo?”, “Tem algum jogo conhecido desta forma?”

O que é preciso entender que por mais que haja nos JC uma estrutura fixa mínima, como os pontos já citados acima, não quer dizer que todos os JC serão iguais em todos os lugares e grupos, pois se tratando de um jogo construído coletivamente, mesmo que com uma mínima estrutura fixa, este irá ter características próprias daquele grupo.

É compreensível que tendo vivido em uma sociedade aonde tudo na nossa vida já vem pronto, como uma espécie de “combo” de lojas de *fast-food*, é difícil para as pessoas se depararem com a volta da liberdade de criação e expressão. Geralmente esperam um modelo, um exemplo, uma maneira de fazer, ou seja, regras e ordens pré-determinadas.

Porém, este trabalho tenta apresentar uma forma não somente das pessoas se divertirem juntas, de jogar de uma forma mais autônoma, mas também de se questionarem, pois desde o questionamento se o jogo tem algum exemplo e a dificuldade encontrada no momento do jogo (ajudar e ser ajudado, compartilhar informações, etc.) prova que algo está nos controlando.

Ou seja, além do que já foi exposto como pontos, até agora, essenciais aos JC, defendemos que este tipo de jogo, não somente serve para divertir e entreter, mas também para ajudar a desconstruir uma sociedade (que veremos mais a seguir) que vem sendo fortificada a cada dia, não somente por sua estrutura política e econômica, mas também pela forma das pessoas jogarem e consequentemente se relacionarem.

Em outras palavras, acreditamos que os JC são uma ferramenta importante para que o individualismo e a competição, tão defendida pelo liberalismo, abra espaço para valores que construam uma nova sociedade, como por exemplo a igualdade e a empatia.

4 Competição como uma forma de eugenia.

É importante entendermos qual foi o ponto de partida para que a competição em nossa sociedade tivesse tanta relevância, não nos esquecendo de sua influência nos jogos.

Uma das mais importantes revoluções da história foi, sem dúvida, a Revolução Francesa (1789), denominada por Marx como uma revolução social. Sua grande importância se dá por ter sido a responsável por uma transformação estrutural no que antes era uma sociedade monárquica.

Sociedade esta onde somente a nobreza tinha direitos seja o de acesso à escolarização, de ter posses, de não pagar impostos. Estes direitos eram hereditários, ou seja, os nascidos em uma família nobre, seriam sempre nobres e teriam todos os seus direitos garantidos, o que definia esta forma de organização social estratificada, ou seja, sem possibilidade de mudança de um grupo social para outro.

O clero representava o mais alto escalão de conhecimento, cabendo aos camponeses trabalharem e pagar impostos para sustentar os luxos e as necessidades dos bem nascidos e dos intelectuais.

Porém, neste contexto começou a surgir uma nova classe social, a burguesia. Esta que vivia do comércio, não gostava de ser vista como simples trabalhadora, queria também alcançar privilégios e a posição social semelhantes a da nobreza os que eram, nas palavras de Marx e Engels (2006, p.12) seus “superiores naturais”.

Para Hobsbawm (1989, p. 207) “os novos homens das províncias eram um formidável exército, tanto mais que se tornavam cada vez mais conscientes de serem uma **classe**⁴ e não um ‘escalão mediano’ entre os setores mais altos e mais baixos”.

Juntando a situação dos camponeses com os anseios desta nova classe social, foi que surgiu a revolução que seria conhecida, não somente por sua história interna, mas também pela influência que causaria por muitos anos em todo o mundo.

Seu lema era: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Porém com algumas ressalvas.

⁴ Grifo de autor

O primeiro ponto que devemos nos ater é a importância de como se dá a relação entre a “liberdade e igualdade” neste contexto.

É curioso que esta igualdade não dizia respeito ao acesso a condições dignas de vida, ela garantia somente a igualdade perante as leis, ou seja, igualdade jurídica e não social.

Porém se o indivíduo não tinha garantia de acesso a uma melhora social, ele (como em uma ironia) tinha a liberdade de tentar, de alcançar, de perseguir.

Em outras palavras, esta revolução deu início a algo que tem reflexo até hoje em nossa sociedade, o individualismo.

O indivíduo que tivesse anseio por uma condição de vida melhor teria que alcançá-la através de seu próprio esforço, deveria ser o merecedor de tal mudança. Afinal, a partir de tal acontecimento, era livre para escolher de qual grupo social faria parte.

Isto baseado no liberalismo, uma doutrina política que garante apenas a liberdade (Outhwaite, Bottomore, 1996). Esta doutrina teve seu início com a obra de Adam Smith, em *A Riqueza das Nações*, 1776, o que causou grande influência não somente na Revolução Francesa, mas uma outra que teria semelhante importância histórica e que aconteceu praticamente na mesma época, na Inglaterra, tendo seu início em 1780, e recebeu o nome de Revolução Industrial.

Aos que saíam de uma origem humilde e alcançavam pelo próprio mérito uma melhora social e econômica dá-se o nome de *pavernu*, na língua francesa (Hobsbawn, 1989) ou *self-made man*, na língua inglesa (PRONI, 2002).

Mesmo sendo muito tentador este discurso, nos apoiaremos novamente em Hobsbawn (1989, p.212) quando o autor fala a respeito da educação, sendo que esta além de umas das “possibilidades” de alcance de uma melhora na condição social representava também, **o triunfo do mérito** sobre o nascimento e parentescos, ou seja, uma das formas de “carreira aberta ao talento”, através de um exame competitivo, sendo este exame um recurso liberal e não democrático ou igualitário. (HOBBSAWN, 1989, p.213).

Agora que não havia mais um direito hereditário (que garantisse uma vida somente de prazeres) e o mérito estava todo centrado no esforço individual e que, portanto as carreiras estavam “abertas ao talento” de cada um, estava preparado o cenário que também era o objetivo dos burgueses para que ocorressem tais revoluções o livre comércio, a livre-concorrência.

Ora, se nos negócios o que vigorava era a livre-concorrência, se mesmo para obter sucesso social era necessário demonstrar seu mérito em exames que eram iguais, porém não igualitários, podemos muito bem entender que o contexto é basicamente o mesmo quando lemos o trecho de Brown (2004, p.16) já citado no capítulo dois no que diz respeito a nossa aceitação quando um time ganha do outro porque é “forte” e ao mesmo tempo aceitamos que o dono da fábrica esteja naquele lugar sob o argumento de que seu mérito está em ter trabalhado e se esforçado o suficiente para estar em tal posição.

Pois da mesma forma que era injusto para pessoas que historicamente tinham acesso à educação em suas famílias concorrer com filhos de camponeses, da mesma forma acontece hoje, quando muitas vezes o dono da fábrica é na verdade herdeiro de um capital acumulado há décadas, baseado na exploração do proletariado (sendo este dono somente da sua força de trabalho).

Ora, então uma equipe pode muito bem ganhar da outra, não porque é simplesmente mais forte, mas também porque pode haver outros fatores como: ter uma equipe técnica, os jogadores receberem subsídios para sempre comparecerem aos jogos, ser oferecida bolsas de estudo ou até mesmo que este jogo seja uma forma de se reafirmar na classe social na qual está inserido, como por exemplo, o personagem Harold, no filme *Carruagens de Fogo* (Hudson, 1981), judeu, estudante de um importante e conceituado colégio do Inglaterra que disputa os Jogos Olímpicos de 1924.

Ou seja, só é ainda aceitável este tipo de jogo, o competitivo, que tem como discurso o mérito individual, porque ainda vivemos sob o mesmo contexto, onde na verdade, não existe a igualdade de fato, mas sim a “liberdade” para tentar alcançar o êxito, deixando de lado que na verdade a exclusão e o favoritismo ainda existem, porém de forma camuflada.

4.1 A explicação

Neste ponto iremos explicar o porquê de termos feito relação da competição existente não somente na política econômica, mas também na nossa conhecida forma de jogar, com a eugenia quando damos o nome a este capítulo de “Competição Como Forma de Eugenia”.

No filme *Homo Sapiens 1900* (Cohen, 2007) são mostradas as diferentes formas de eugenia, tendo sido utilizadas por vários países. Sendo que na realidade, havia pouca diferença entre elas, pois o principal objetivo era obter sempre um aperfeiçoamento da espécie humana, uma extinção dos indivíduos inferiores, através de um controle dos nascimentos. “Um controle da seleção natural”.

Para isso existiam duas formas básicas: a positiva e a negativa.

A positiva resumia-se a estimular que pessoas jovens, inteligentes, bonitas, saudáveis e de condição financeira estável, ou seja, que os entendidos na época como “seres superiores” tivessem filhos, se reproduzissem.

Enquanto na eugenia negativa evitava-se que as pessoas inferiores (pobres, sem conhecimentos, doentes, deformadas) se procriassem, ou até mesmo, fazia com que os filhos destas pessoas passassem por frio e fome. Não eram mortas, mas deixadas a morrer, como aparece em uma das cenas do próprio filme “às vezes salvar uma vida é um crime maior do que tirá-la” (cena extraída do filme original *The Black Stork*).

Entendendo então, eugenia como uma forma de fazer com que somente existissem os “seres superiores”, neste trabalho fazemos uma relação que a competição em nossa sociedade faz uma **espécie** de eugenia, ou seja, utilizando formas como o acesso à moradia, a educação, a alimentação e ao trabalho, para fazer com que os “inferiores” continuem a serem excluídos, descartados, enquanto os “superiores” continuam a serem vistos como os que conseguem êxito pautado no mérito.

Resumidamente, o êxito de um grupo de pessoas não acontece por ser algo natural, que inevitavelmente deve acontecer ou até mesmo que este êxito foi decorrente do puro esforço, do mérito.

Tanto a eugenia (um meio controlado de seleção natural) quanto a competição (um dos pilares da política econômica na qual vivemos e que tem grande influência na nossa forma de jogar e nos relacionar interpessoalmente), são meios para que os interesses de pequenos grupos, sejam alcançados, sem que para isso haja qualquer discussão, indignação.

E para que essa realidade nunca seja transformada, de uma forma indesejada pelos pertencentes ao pequeno e “bem-sucedido” grupo, terminamos este capítulo justificando o segundo trecho de Brown (2004, p.17) - que também já foi citado no capítulo dois - no que diz respeito à competição ser uma maneira de invalidar qualquer forma de mudança, com o

argumento da “ordem natural” das coisas. Para isso citamos um trecho do Dicionário do Pensamento Marxista:

Quanto mais uma ideologia se volta para o passado e expressa o interesse daqueles que buscam restabelecer estruturas de dominação historicamente obsoletas, mais sombria e mais cínica é sua concepção sobre os seres humanos, considerados como basicamente maus (...). Quanto pior sua imagem, menos esperanças de qualquer projeto de melhoria social e maior a justificativa das restrições à liberdade (BOTTOMORE, 1988, p.279)

O mais interessante é que há muito tempo este discurso de uns serem superiores ao outro, uns merecerem mais que outros, sempre foi de certo modo aceito. Por mais que já tenham ocorrido revoluções, greves e outras formas de resistência e tentativa de transformação deste panorama, não houve grande resultado.

Marx, em sua obra *A Origem do Capital – A Acumulação Primitiva*, mostra como ao longo de um tempo marcado pelos camponeses sendo expropriados não só de terra e de trabalho, mas também de direitos, esses mantiveram como “braços dóceis” (2004), devido a uma junção de fatos contextuais: “No desenvolvimento da produção capitalista forma-se uma classe cada dia mais numerosa de trabalhadores que, graças à educação, tradição e costumes, suportam as exigências do regime tão espontaneamente como a mudança das estações” (MARX, 2004, p.52).

Como vemos, para Marx a educação, a tradição e os costumes são base deste aceitamento por parte da classe operária. Como este trabalho trata-se de uma proposta para que a educação seja mais comprometida com uma transformação social, iremos explicar mais à frente, como vemos que este fato pode ser mudado.

5 A Pesquisa de Campo

5.1 Os Objetivos e a metodologia

O objetivo de aplicar dois questionários aos alunos e de realizar um jogo no qual fosse jogado de forma competitiva e depois de forma cooperativa, foi o de primeiramente, nos questionários, buscar as representações dos discentes em relação à raiz da competição e de também questioná-los sobre a relação da competição presente nos jogos e nos outros ambientes sociais.

Estes dois questionários aplicados estão sob forma de apêndices no final deste trabalho.

Já o jogo, foi aplicado primeiramente de forma competitiva e após de forma cooperativa, seguido de uma breve discussão após cada forma, para que assim pudéssemos entender como os discentes percebiam a diferença de objetivos de cada tipo de jogo e como estes os resolveram.

5.2 Os Sujeitos

Os sujeitos foram um total de 27 discentes de uma escola pública estadual, na região rural da cidade de Campinas – SP, pertencentes à mesma sala de oitava série do ensino fundamental II.

5.3 Coleta de Dados

Os dados foram coletados da seguinte forma: inicialmente foi aplicado um questionário aos discentes, logo em seguida, proposto o jogo Telefone Sem-Fio e Mudo (presente sua implementação no anexo 3), este sendo aplicado de forma competitiva e após, de forma cooperativa para que fosse gerado algumas observações e uma pequena discussão e por último, foi aplicado, novamente, mais um questionário.

Os questionários (presentes sobre a forma de anexo 1 e 2, respectivamente) tinham o objetivo de questionar os discentes acerca de suas representações em relação à raiz da competição.

A aplicação do jogo nas duas formas de jogar foi realizado para que pudessemos encaixar a pesquisa no que Chizzotti chama de “pesquisa participante”, ou seja, a pesquisa a qual:

A observação direta ou participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista (Chizzotti, 1995, p.90).

Diferentemente de simplesmente aplicar um questionário e classificar as repostas, nesta pesquisa queremos também fazer uma relação das respostas dadas nos questionários com as atitudes e falas que foram observadas no decorrer dos jogos. Evitando assim, uma conclusão que talvez não corresponda à realidade.

Algumas perguntas eram complementares, mas também haviam perguntas que na verdade eram semelhantes, porém escritas de outra forma, para que pudessem gerar mais discussão sobre o mesmo tema.

6 Análises dos Dados

As respostas dadas pelos alunos foram analisadas de forma conotativa e agrupadas em grupos de respostas semelhantes, sendo somente as mais relevantes transcritas. Em apenas alguns casos, como na segunda e terceira perguntas do primeiro questionário e na terceira e quarta perguntas do segundo questionário é que todas foram transcritas, por motivos que serão melhor compreendidos mais à frente.

Nesta transcrição, respeitaremos a forma a qual foram escritas originalmente, mesmo que contendo erros gramaticais, para que não corramos o risco de mudar o sentido dado pelo autor da resposta.

Foram divididas em grupos, porém, não para fazermos uma quantificação, mas sim para que pudéssemos discutir quais seus principais argumentos, tendo sido transcritas as respostas que incluíam argumentos mais relevantes ou que se diferenciaram do grupo.

6.1 Respostas e Análises do Primeiro Questionário

6.1.1 Primeira Pergunta

“Na sua opinião, as pessoas nascem ou não competitivas? Por quê?”

Foi observado que dos 27 entrevistados, as primeiras 11 respostas foram negativas, que os sujeitos não nascem competitivos, aprendem a ser competitivos com o “passar do tempo” (sujeito1) ou até mesmo com a sociedade.

Vale a pena citar:

“Não, elas vão adquirindo esse hábito de competição com o tempo. Umas querem ser melhores que as outras numa certa fase da vida.” (resposta 3);

“Não porque é a sociedade de modo geral que impõem a competição, isso não quer dizer que nascemos competitivos.” (resposta 6);

“Eu acho que as pessoas não nascem competitivas, se tornam competitivas com a influência dos outros e com a sociedade” (resposta 9);

“Não, porque quando nós nascemos não sabemos de nada, só quando crescemos que começamos a ser competitivos ou não” (resposta 4).

Destacamos esta última resposta, porque por mais que o sujeito concorde que as pessoas não nasçam competitivas, este inclui um comentário que pode nos remeter a uma idéia sartriana de homem, ou seja, a idéia que o homem é primeiramente existência e depois essência (SARTRE, 1962), ou seja, é uma condição humana que o homem nasça livre para descobrir sua essência.

Há uma fala na obra de Sartre que se aproxima muito da resposta 4 em relação que o homem não é nada ao nascer “só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer” (SARTRE, 1962, p. 242).

Duas respostas, 12 e 13, não foram muito precisas, são elas, respectivamente:

“Sim, porque as pessoas em qualquer que seja o jogo querem ganhar, outras não, porque só joga para se divertir. Mas em outras pessoas isso já faz parte do dia-a-dia. Nasce dentro da pessoa o espírito competitivo”;

“Algumas sim, mas nem todas. Eu acho que não tem como evitar isso, já nasce no sangue de algumas pessoas o vencer, porque na vida tudo gira em torno de competições, em diversos aspectos”.

Em ambas as respostas ficou um pouco confuso qual é o conceito de homem, pois em “uns nascem, outros não”, como se a competição fosse algo biológico para alguns, pois já vem no “sangue” da pessoa, porém para outros não, pois não nascem com o “espírito competitivo”.

Sendo que na segunda resposta (13), já vemos um indício que o sujeito vê que a competição está presente na sociedade, porém, de forma determinista, algo que “não se pode evitar” e que por sinal, sua causa acaba sendo por nascer em alguns.

Em relação as respostas afirmativas, estas foram encontradas nos questionários numerados de 14 a 27, sucessivamente.

Entre as que valem ressaltar:

“Sim, porque sempre elas estão tentando ser umas melhores que as outras” (resposta 19);

“Sim, pois na sociedade hoje há a necessidade de competição, todos necessitam de uma competição sadia, sempre um querendo ser melhor que o outro” (resposta 21);

“Sim, porque elas nascem competindo com o corpo para sobreviverem a todas as barreiras da vida” (resposta 23);

“Sim, porque as pessoas já nascem querendo competir com outras pessoas para poderem crescer na vida e chegar cada vez mais perto do seu propósito e alcançar seu objetivos” (resposta 24);

“Sim, porque hoje em dia as pessoas só pensam em si própria” (resposta 25).

Na resposta 23 observamos que há a influência do darwinismo, pois apresenta o homem, como alguém que já nasce “lutando” para ser melhor, sendo que somente será provado que é realmente o melhor depois de passar por algumas dificuldades, estas iniciadas, para o autor desta resposta, já ao nascer, ou seja, o homem já começa a ser competitivo pois luta para nascer, para ser um dos exemplares dos melhores da espécie humana.

Já nas respostas 19, 21 e 24 há a ligação entre competição e mérito, argumento iniciado após a Revolução Francesa, como já tratado no capítulo 4.

O argumento presente é que “umas querem ser melhores que as outras” sendo que cabe a sociedade fazer o papel de “peneira” entre os melhores e piores e também como se o sucesso ou “alcançar seus objetivos” dependesse somente do esforço de cada um, independente da acumulação de capital, da (falta) de acesso à escolarização e oportunidades igualitárias de acesso ao emprego. Argumento também já tratado no capítulo 4.

Um ponto a que questionar é: competição sadia. O que se define por competição sadia já que o resultado da competição é o privilégio de um (ou uns) sobre a exclusão de outros (às vezes muitos)? Fica a dúvida.

Na resposta 24 o indivíduo nasce competitivo para que ele alcance seus objetivos e “cresça na vida”, qual a impossibilidade de todos os indivíduos conseguirem seus objetivos em conjunto, sem a necessidade de se obter o mérito?

Observamos nesta resposta que seu autor não se faz o mesmo questionamento exposto acima, muito pelo contrário, reproduz o argumento muito encontrado na sociedade para que tenha perpetuação seu sistema excludente e capitalista.

Ponto o qual será discutido mais a frente.

6.1.2 Segunda e Terceira Pergunta

Segunda: “Em sua opinião, qual a importância da competição na sociedade?”.

Terceira: “Em sua opinião, qual a importância da cooperação na sociedade?”.

Estas duas perguntas necessitam ser analisadas em conjunto pois as respostas, em sua maioria, acabaram não excluindo umas das possibilidades, pelo contrário, em muitas pudemos observar que os discentes não entendem a diferença fundamental entre competição e cooperação. Por este motivo, serão transcritas **todas** as respostas, respeitando a ordem das perguntas.

Resposta 1:

“Ganhar e a ser melhor que os outros”.

“É ajudar ao proximo e não a ser melhor que os outros”;

Resposta 2:

“É importante por que nem sempre as pessoas vão conseguir o que querem se ficar esperando um milagre, elas vão ter que correr atrás sozinhas”.

“É sempre bom saber cooperar, ajudar, os outros que precisa de cooperação”;

Resposta 3:

“Não tem nenhuma importância porque não leva a nada uma pessoa querer ser melhor que a outra porque todos somos iguais”.

“É importante que todos se ajudem porque somos todos amigos e devemos cooperar uns com os outros”;

Resposta 4:

“A importância é que é sempre bom ter competição no futebol é na política mas sem briga tudo bem”.

“A importância é muito boa por que uma mão lava a outra”;

Resposta 5:

“Vou dar um exemplo da RUSS e USA estes dois paises sempre querem ser melhor que o outro assim um cria coisa melhor que o outro, tecnologia avançada tudo é para ser melhor que o outro”.

“Sem a cooperação eu acho que não haveria amizade pois, se o meu vizinho está necessitando de algo e eu o ajudar estarei cooperando com ele, tenho certeza que daí por diante ele será grato por isso”;

Resposta 6:

“as vezes é importante (para consegui o que 'quer') e outras não”.

“é importante porque fica 'tudo' mais fácil”;

Resposta 7:

“A competição tem que ser todos da melhor maneira que possa ajudar o grupo”.

“Tem que ajudar o seu grupo não pode depender de um só tem que ser todos juntos”;

Resposta 8:

“A importancia da competição na sociedade é que é importante”.

“ A importancia da cooperação na sociedade e ajuda as pessoas”;

Resposta 9:

“A importância da competição na sociedade é que um sempre que passar o outro para ganhar o cargo na empresa, ou também que o time sempre ganhe”.

“A cooperação na sociedade é muito importante porque sem cooperação não dá certo, como numa empresa todos cooperam um com o outro para o negócio andar”;

Resposta 10:

“Em minha opinião, em alguns aspectos a competição é bom, por exemplo em jogos, mas também existem outros aspectos que a competitividade atrapalha”.

“A cooperação é legal na sociedade, porque parece ser uma coisa onde as pessoas se ajudam”;

Resposta 11:

“Jogarem unidos ou seja, num jogo de futebol você não consegue fazer gol sozinho com 11 adversários, portanto é importante a competição na sociedade”.

“As pessoas cooperar com os outros, ajudarem as outras pessoas, não querer só para ela mais sim para as outras pessoas também”;

Resposta 12:

“A importância é de quando você for arrumar um emprego, se tem outra pessoa querendo o mesmo emprego você não vai entregar o emprego para ela se você quer o emprego então tem que competir por ele”.

“Na minha opinião a cooperação na sociedade é muito importante porque hoje alguém está precisando de ajuda amanhã pode ser você”;

Resposta 13:

“Eu acho que a competição é importante sim na sociedade porque faz as pessoas correr atrás da que quer pra não ser perdedor na vida”.

“A importância da cooperação é que a pessoa ela não consegue tudo na vida sozinho ela precisa de outras pessoas pra ajudar”;

Resposta 14:

“Para que aprenda mais e se dedique mais no que está correndo atrás”.

“Para ajudar um ao outro no que se precisa”;

Resposta 15:

“Dependendo dos casos sociais a importância é quem sabe mais arruma um emprego melhor. Esportiva, uma pessoa que joga melhor e é mais competitiva tem mais chances de entrar em um time”.

“A importância é que a cooperação é um ato de confraternização que uma pessoa pode ajudar a outra e isso é muito bom”;

Resposta 16:

“É bom porque você tá ali para querer ganhar como a pessoa que vai competir com você” .

“Para competir como você vai competir sem cooperação”;

Resposta 17:

“A opinião é ganhar ou perder, e ajudar sua sociedade ou até no caso se parceiro”.

“Na minha opinião é importante ajudar a sociedade e a sociedade ajudar mais tipo um cooperar com o outro”;

Resposta 18:

“Que tem uma grande importância da competição na sociedade por que as pessoas estão sempre competindo”.

“É certo porque devemos ajudar uns aos outros sempre”.

Resposta 19:

“Para mostrar que umas pessoas são melhores que as outras”.

“Que todos se unem e fassão uma competição unidos e justa”;

Resposta 20:

“Eu acho importante competir, porque tipo, se você for abrir um negócio, você vai competir com o de outras pessoas para que o seu negócio cresça mais do que dos outros”.

“De certa maneira é boa, porque nós temos que cooperar para manter as coisas limpas, ajudar alguém que precisa, etc.”;

Resposta 21:

“Essencial, porque as pessoas vão querendo melhorar cada vez mais, e isso vai fazendo a sociedade mellhorar”.

“Também é essencial, porque as pessoas vão ajudando umas as outras e melhorando juntas”;

Resposta 22:

“Na minha opinião as pessoas sempre quer competir com as outra. Querendo ter a casa mais bonita ser mais bonita e etc”.

“Mais tem seu jeito de cooperação o objetivo de ajudar uns aos outros”;

Resposta 23:

“Nenhuma, porque sempre vai ter aquela coisa de saber quem é o melhor, ou seja, você vai ter adversários e não amigos”.

“Porque, com a cooperação você terá mais forças para lutar pelos seus objetivos, não será só você para tentar alcançar seus objetivos e sim todas as pessoas sobre a mesma visão sobre o assunto”;

Resposta 24:

“A competição numa sociedade é importante para que as pessoas fassam mais exercicios e conseguir o que eles querem”.

“Para mim a cooperação na sociedade é tudo porque podemos ajudar as outras pessoas e sermos ajudados algum dia”;

Resposta 25:

“A importância da competição na sociedade é querer ver quem tem mais... força de vontade”.

“nenhuma”;

Resposta 26:

“Nenhuma importância por quê não leva a quase nada sociedade”.

“A importante que todos seguem da sociedade da cooperação”;

Resposta 27:

“A competição é muito importante principalmente no mercado financeiro, pois, para uma pessoa ser bem sucedida ela precisa ser competitiva, saber fazer com que o seu produto seja melhor do que os outros”.

“A cooperação é importante para que haja um mundo melhor se todos cooperarem uns com os outros não haveria tanta desigualdade social”.

Por mais que algumas respostas não sejam claras e em outras os problemas gramaticais chegam a incomodar o entendimento, julgamos necessário a transcrição de todas as respostas para que fosse entendido pelos leitores deste trabalho uma parte do contexto dos discentes.

Alguns apontam importâncias tanto na competição quanto na cooperação, somente em duas respostas foi claro o posicionamento do discente em declarar a importância da cooperação em detrimento das desvantagens da competição, como foi o caso das respostas 3 e 23 e em somente uma, foi claro seu posicionamento em favor da competição, respondendo que não há importância na cooperação, sendo no caso a resposta 25.

Porém devemos ressaltar que mesmo na respostas 3 mesmo se posicionando favorável à cooperação, devemos perceber que não há muita profundidade nas respostas dadas, podendo ser um ponto problemático pelo formato de um questionário, no qual nem sempre é respondido da melhor forma possível. Porém ressaltamos que observando as respostas dadas por todos os alunos, esta já apresenta uma compreensão razoável.

Já na resposta 23, a resposta dada na pergunta três demonstra que o autor entende de uma forma não capitalista, o conceito da cooperação, ou seja, todos unidos e agindo para um mesmo objetivo.

O mesmo, porém, não aconteceu em respostas, por exemplo, 4, 12 e 24. pois demonstram que no raciocínio dos autores, a cooperação não passa de uma moeda de troca, ou

seja, “faço para que um dia façam por mim”. A cooperação é conceituada como uma poupança onde você faz sua “boa ação”, assim no dia que você precisar de ajuda, saberá de quem cobrar.

É interessante observarmos nas respostas 9, 15, 20 e 27 a presença do discurso capitalista, no qual é incutido nas pessoas que a competição é necessária para o andamento da sociedade, mais especificamente, do comércio, das empresas e que a cooperação neste aspecto tem a função de “ajudar”, “auxiliar” e não de transformar, de questionar.

Devemos atenção a estas respostas, pois caso os sujeitos cresçam acreditando que realmente o modelo competitivo de sociedade é único e além de tudo, algo que não precisa ser modificado, estes serão, provavelmente, adultos que serão contra uma transformação da sociedade, não necessariamente por convicção, mas por falta de entendimento e questionamento mais profundo.

Ressaltamos ainda a resposta 15 à segunda pergunta, onde aparece a questão esportiva. Para este autor, a pessoa que joga melhor “tem mais chances de entrar em um time”, ponto no qual já tratamos anteriormente, pois um bom jogador é construído por diferentes condições, como por exemplo acesso ao jogo e alimentação adequada. O que faz um bom jogador ser privilegiado antes mesmo de ganhar o jogo.

Nas respostas 2 e 13, a importância da competição aparece por ser algo que move o indivíduo a “correr atrás do objetivo” e “não ser um perdedor na vida” (resposta 13). Como se o liberalismo por si só desse conta de garantir algum direito/ acesso aos indivíduos, pois como já dito, o indivíduo é livre para tentar, para “correr atrás”, sobre conseguir alcançar seus objetivos, já passa a ser outro assunto.

Por último, ressaltamos a resposta 21 que é um exemplo de uma resposta claramente com influência capitalista, pois o autor responde que tanto a competição quanto a cooperação são essenciais, cabendo somente em uma idéia de que para que o sistema continue funcionando é necessário que todos colaborem, não levando em consideração as causas desta ação em suas vidas.

O que defendemos é um tipo de cooperação que quebre com a idéia capitalista, uma cooperação que não seja uma ajuda para vencer o outro, mas sim uma cooperação que permita a todos sejam iguais e tenham os mesmos acessos.

6.1.3 Quarta Pergunta

“Quando você participa de um jogo, qual é sua atitude, mais cooperativo ou mais competitivo? O que te motiva a ter essa atitude?”.

Nesta pergunta gostaríamos de questionar os discentes qual era seu posicionamento em relação ao jogo, mesmo que fosse um jogo competitivo se eles assumiam o propósito de fazer tudo possível para ganhar ou não, se tinham o pensamento que o jogo deveria ser um momento de prazer, de estar junto com seus colegas para se divertir e não ter a preocupação de derrotar o outro time, sem continuar com a reprodução do sistema em que vivemos.

Foi possível observar que as respostas numeradas 1, 3, 5, 7, 8, 9, 11, 17, 22, 23, 26 e 27 responderam que seu posicionamento é claramente cooperativo. Porém, em nenhuma das respostas obtivemos um posicionamento crítico em relação ao jogo competitivo. Entre as respostas destacamos:

“Cooperativa, porque para ganhar alguma coisa precisamos ajudar para sermos ajudados” (resposta 3);

“Eu sou mais cooperativo pois no jogo de futebol não sou muito tecnico então passo muito abola para meu companheiro” (resposta 5);

“Cooperativo. Ajudar meus colegas, ou seja, num jogo qualquer eu não quero competir só para mim quero ajudar meus colegas para que nós vencemos o jogo juntos” (resposta 11);

“A minha atitude é cooperativa tento ajudar os outros, a ganhar ou perder não importa mas eu tento ajudar ao outro” (resposta 17).

Na resposta 5, o autor confunde cooperação com uma espécie de camuflagem, pois por ele não ser, segundo ele próprio, tecnicamente bom no jogo de futebol, ele passa a bola, ou seja, ajuda o companheiro de time a fazer o ponto e ganhar do outro, resumidamente, a questão competitiva ainda é presente. Semelhante fato acontece nas respostas 3 e 11.

Lembrando que o autor da resposta 3, nas perguntas três e quatro, foi totalmente favorável a cooperação.

Já o posicionamento claramente competitivo coube às respostas 6, 10, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 24 e 25.

A motivação apresentada foi a mesma, vontade de ganhar e não aceitação a perder.

Ressaltamos duas dentre as respostas dadas, são elas 21 e 25, respectivamente:

“Eu sou mais competitivo, pois quando jogo tenho *necessidade*⁵ de ganhar, nem que para isto tenha que fazer tudo sozinho”;

“Eu quando participo de um jogo sou mais competitiva porquê eu gosto de vencer sozinha”.

Fica claro, nestas duas respostas a relação entre competição e o mérito individual.

As respostas 2, 4, 12, 13 e 19 são as que formam o grupo de respostas imprecisas, por exemplo:

“A minha atitude é um pouco de cada até o um certo ponto se eu vejo que estou cooperando mas ele não realizar o que o jogo pede aí eu já vou para o lado competitivo ou seja tento ganhar sozinho” (resposta 12).

6.2 O Jogo Realizado e as Conversas

O jogo realizado foi o “Telefone sem-fio e mudo”, consistia em deixar os discentes sentados nas carteiras, divididos em cinco fileiras.

Inicialmente foi proposto o jogo de forma competitiva.

Os últimos de cada fileira receberiam três pedaços de papel, cada pedaço estava um desenho, estes desenhos eram os mesmos para as cinco fileiras, ou seja, cada último da fila recebeu um desenho de um triângulo, de um quadrado e de um círculo.

⁵Grifo nosso.

Quando começasse o jogo, eles só poderiam olhar um desenho por vez e para que este desenho chegasse até o primeiro da fila, eles deveriam desenhar nas costas do colega sentado à frente, utilizando o dedo.

O colega que recebesse o desenho nas costas só poderia falar, caso necessitasse, para que o de trás repetisse o desenho feito. Essa repetição só poderia acontecer uma vez em cada colega.

Quando o desenho chegasse ao primeiro da fila, este deveria desenhar o que imaginava ter sido desenhado em suas costas em uma folha de papel, após isso, para sinalizar para o último da fila que este deveria começar a passar o próximo desenho, deveria levantar o braço.

O mesmo processo deveria acontecer com os demais desenhos.

Ganharia a fileira que terminasse antes e que fosse fiel aos desenhos.

A forma cooperativa tinha a mesma base, porém na finalização do jogo, todos deveriam se juntar para descobrirem qual era o desenho formado.

Melhor explicando, o desenho final seria uma flor (desenho escolhido por sua simplicidade), portanto cada último da fileira recebeu uma parte desta flor, ou seja, um recebeu o caule com grama embaixo, o outro as pétalas, o outro o miolo e os outros dois, folhas.

O mesmo processo para que chegasse até o primeiro, porém quando isto tivesse acontecido, todos com exceção dos últimos das fileiras (pois estes poderiam corrigir os desenhos), deveriam discutir, olhar todos os desenhos e com estes construir de forma coletiva o desenho final.

6.3 Análise e comentários

Na forma competitiva de jogar, não houve nenhuma atitude indesejada, como por exemplo algum discente tentar burlar as regras para que sua fileira fosse a vencedora.

Em relação ao final, ou seja, na decisão de quem foi o vencedor, na prática, somente a fileira que terminou em segundo lugar conseguiu ser fiel aos três desenhos, portanto,

segundo a regra, não houve vencedores, porém os alunos decidiram coletivamente que esta fileira era a vencedora, levando em consideração a fidelidade aos desenhos.

Na hora de jogar de forma cooperativa, todos entenderam qual era o objetivo e não se opuseram a jogar, muito pelo contrário, a maioria foi bastante ativa, principalmente na hora de construir o desenho coletivamente.

Porém quando questionados se estão acostumados a jogar cooperativamente, responderam que não e quando foram questionados qual seria o motivo, a resposta foi que era “chato” jogar de forma cooperativa. Sobre este mesmo ponto foram questionados, então, se foi desestimulante jogar de forma cooperativa, neste momento foi massiva a resposta que sim, tinha sido “chato”.

O interessante é que por mais que os alunos tenham respondido que foi desestimulante a forma cooperativa, eles apresentaram, na prática, a mesma motivação para jogar da forma competitiva.

Devemos ressaltar que na hora de construir coletivamente, por mais que os discentes tivessem entendido que a construção e debate sobre o desenho final deveria ser coletivo, os discentes ao invés de se reunirem para fazer isso, não, juntaram-se em seus grupos de amizade.

Somente uma garota, ficava andando de um grupo para o outro para tentar fazer a ligação dos desenhos, isto motivou aos grupos a se juntarem para terminar a tarefa, porém, o interessante foi que muitos ficaram em volta de uma menina sentada, enquanto uma garota que estava com a perna quebrada e não poderia se locomover até lá, ficou excluída da participação.

Esta mesma garota tinha sido (sem perceber) ofendida verbalmente por um dos colegas quando terminou o jogo de forma competitiva, o que pode demonstrar uma exclusão do grupo social que formava a classe como um todo.

E nem mesmo o jogo cooperativo conseguiu incluir esta garota, pois os alunos, em sua liberdade, juntaram-se (tardamente) entre si, excluindo a garota (que poderia muito bem ter feito o papel de ficar sentada no centro da discussão).

Gostaríamos de ressaltar que não foi possível fazer jogos mais ativos e estimulantes devido a impossibilidade de usar a quadra poliesportiva da escola, pois esta encontrava-se em reforma e também ao fato de por ser em uma sala de aula, o jogo não poderia

estimular os alunos a se locomoverem demais ou a falarem muito alto, para que não atrapalhássemos as outras aulas em curso.

Poderíamos ter feito mais jogos e poderíamos também ter mais tempo para discutir com os alunos, porém isso não foi possível, pois o professor responsável pela aula pediu para que a parte prática não se estendesse muito, afinal, queria continuar com seu planejamento.

6.4 Respostas e Análises do Segundo Questionário

6.4.1 Primeira Pergunta

“Você pensa ser mais importante uma pessoa ser cooperativa ou competitiva?”

As respostas numeradas 1, 2, 3, 5, 6 e 7, responderam claramente que para eles o mais importante é uma pessoa ser competitiva.

Podemos destacar:

“Uma pessoa competitiva, por ter mais rigor nas coisas que faz” (resposta 3);

“Competitiva porque na vida tem muitas competições” (resposta 5);

“na minha opinião, ser competitivo é melhor, porque ele vai ver a vida como uma competição, e vai querer vencer” (resposta 7).

Já as respostas numeradas 4, 8 e 9 são um pouco confusas, como podemos ver:

“Competitiva. Importante uma pessoa ser cooperativa” (resposta 4);

“Na minha opinião Eu acho competitiva porque não é quase toda as pessoas que nós conhecemos e ser nós conhecemos as pessoas que tem dificuldades nós ajudamos” (resposta 8);

“Eu acho que os dois porque a pessoa tem que ter o objetivo de ganhar mais com a ajuda dos amigos” (resposta 9).

As respostas numeradas de 10 a 27, responderam claramente que o importante é uma pessoa ser cooperativa, podemos destacar:

“Cooperativa, porque com a cooperação, ajuda do outro, fica mais fácil”(resposta 10);

“Cooperativa. Porque você terá o apoio de outras pessoas para conseguir o que deseja, e também você poderá ajudar outras pessoas também” (resposta 13);

“Cooperativa, pois se as pessoas ajudarem umas as outras todos terão a mesma oportunidade” (resposta 17);

“Cooperativa é mais importante porque um ajudando o outro é melhor, porque mais dia ou menos você também será ajudado” (resposta 20);

“Cooperativa porque tem que ajudar seu time” (resposta 25).

Podemos observar que são 18 respostas afirmando que o importante é uma pessoa ser cooperativa, porém iremos fazer a análise do que aconteceu nesta pergunta juntamente com outros fatos mais adiante.

6.4.2 Segunda Pergunta

“Em quais locais da sociedade, você pensa que a competição está mais presente? Por quê?”

As respostas numeradas 2 e 8 não nos foi possível entender qual o raciocínio dos autores, pois são elas, respectivamente:

“Quando eles competem para ganhar alguma coisa”;

“Sim. Porque a sociedade só de pensa mais está locais na competição”.

A resposta numerada 5 indica que o local onde a competição está mais presente é sua própria casa: “Em casa, porque lá é que nós fazemos mais brincadeiras e o que ganha é o mais felizardo”.

Observamos então que quando o autor desta resposta está em sua residência suas brincadeiras são competitivas, sendo que este sujeito associa a idéia de vitória com felicidade, realização.

As respostas numeradas 1, 4, 20, 24 e 27 apresentam como resposta os esporte, jogos e jogos eletrônicos (video games), como em:

“Nos jogos com os amigos, porque todo mundo quer ser o melhor e com isso tem uma grande competição. No futebol, nos vídeo games” (resposta 20);

“No esporte, porque nos esportes as pessoas brigam para ganhar um troféu uma medalha” (resposta 24);

“Nos jogos, porque tudo quanto é jogo tem que ter um vencedor” (resposta 27).

As respostas numeradas 6, 7, 11, 16, 18, 19, 22, 25 e 26 a apontam a escola como o ambiente em que a competição está mais presente.

“Escola. Porque uns alunos querem tirar a nota maior que o outro e assim por diante” (resposta 22);

“Na escola porque agente fica o tempo maior na escola” (resposta 25);

Sendo que nas respostas 6, 11 e 16, aparece a relação entre jogos escolares e competição como:

“Nas escolas, porquê as vezes tem competições de vários jogos” (resposta 6);

“Nas escolas, nos jogos. Por que por exemplo nos jogos as pessoas querem é ganhar então elas vão ser mais competitivas” (resposta 11);

“Na escola, porque quando vamos realizar um jogo. Exemplo: um time tem que ganhar do outro” (resposta 16).

Podemos melhor entender estas frases analisando que a realidade das escolas não corresponde ao uso predominante de jogos, mas sim do esporte, sendo este um tipo de jogo e “prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal” (SOARES et al., 1992, p.70).

Mesmo que fossem usados os jogos, devemos nos lembrar que no início deste trabalho citamos que mesmo para Vygotsky (1988, p. 135), os jogos de seu conhecimento eram os competitivos, pois tinham como propósito obedecer à sua base capitalista, ou seja, é evidente o uso exacerbado de jogos competitivos, incluindo em espaços escolares.

Sendo que o uso do esporte não corresponde ao esporte “da” escola, mas sim “na” escola (SOARES et. al., 1992, p.70), ou seja, o esporte utilizado na escola não corresponde às necessidades escolares, mas sim as sociais, como por exemplo o rendimento, regulamentação e racionalização (SOARES et. al., 1992, p.70).

Fato este que deve ser corrigido da mesma forma que os jogos escolares, ou seja, analisando e discutindo com os alunos quais são seus objetivos implícitos, quais as consequências disto e, principalmente, em qual tipo de sociedade esta forma de “jogar” é cabível.

Pois acreditamos ser este o primeiro passo para uma transformação, tendo em vista as respostas acima, vemos que já há campo fértil para tais transformações.

As respostas numeradas 3, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 17, 21 e 23 apontam o trabalho como o ambiente onde a competição está mais presente. Destacamos:

“Nos lugares onde se arruma emprego porque nem todos podem conseguir” (resposta 3);

“trabalho, porque é onde as pessoas competem por motivos de realização pessoal ou profissional” (resposta 10);

“No trabalho. Porque as pessoas vivem competindo com outras pessoas” para conseguir subir no cargo, ou conseguir uma área melhor de trabalho” (resposta 15);

“No trabalho, pois as pessoa se esforçam muito para serem melhores umas das outras para serem promovidas” (resposta 17).

Vemos nestas respostas pontos já tratados no capítulo 4, ou seja, o caráter excludente e o mérito. A competição como argumento para separar os “melhores”, quando a realidade é que não há oportunidade a todos.

Podemos observar no contexto geral das respostas dadas que os ambientes onde a competição está mais presente na sociedade são os esportes e os jogos (incluindo os eletrônicos), a escola, o ambiente profissional (trabalho) e não nos esquecendo do caso único do autor que citou sua casa.

Porém mesmo nesta resposta, onde o sujeito cita sua casa como o ambiente onde há muita competição, prestando mais atenção, entendemos que na verdade ele diz respeito às brincadeiras, ou seja, mesmo sendo a casa do sujeito um ambiente onde, para ele, há muita competição, isto é apresentado sob forma de jogos, brincadeiras.

6.4.3 Terceira e Quarta Pergunta

Terceira: “Quais as vantagens e desvantagens de ser competitivo?”

Quarta: “Quais as vantagens e desvantagens de ser cooperativo?”

Mais uma vez iremos analisar duas perguntas juntamente, pois assim como as anteriores, são excludentes, seguindo o raciocínio deste trabalho. Porém ao vermos as respostas dos discentes, é possível observar que não foi este o mesmo raciocínio.

Resposta 1:

“As vantagens é que você pode ganhar. Desvantagens é que você pode perder”

“Nenhuma so a ajuda”;

Resposta 2:

“Eu acho que só tem vantagem por que mesma competição na maioria das vezes no final ganha uma recompensa”

“Eu acho que só tem desvantagem porque não ganha nada para que jogar atoa”;

Resposta 3:

“Vantagens: as pessoas te veem com mais clareza. Desvantagens: não pesna no próximo”

“Vantagens: uma pessoa admirada por sua atitude. Desvantagens: uma pessoa sem valor para alguns por não ser competitiva”;

Resposta 4:

“Vantagem”, sem segunda resposta.

Resposta 5:

“As vantagens é se você ganhar alguma coisa só você vai ganhar eu que acho que só tem vantagens”

“As vantagens é que você vai trabalhar em um grupo mas só que se ganhar vai ter sempre um que vai falar que fez mais que o outro”;

Resposta 6:

“No jogo competitivo eu só vejo vantagens, porquê é mais fácil você ganhar sozinha e com outras pessoas fica mais difícil”

“Nos jogos cooperativos só existem desvantagens porque as vezes você acaba perdendo por causa de outras pessoas”;

Resposta 7:

“Uma vantagem é que você quer vencer tudo o que você faz, mas se você comessa a querer ganhar passando por cima dos outros, humilhando as pessoas isso é uma desvantagem”

“A vantagem é que você sempre vai ter muitos amigos, sempre vai ser ajudado por eles, mas não tem uma certa ambição de ganhar”;

Resposta 8:

“acaba de ganhando ou competindo da vantagens”

“as são case iguais as cooperativo”.

Resposta 9:

“As vantagens é que se você quer ganhar você tem que lutar para isso e as desvantagens é que as vezes você passa por cima até mesmo dos seus amigos”

“Hás vantagens é que você se sente melhor como pessoa e como amigo porque você não joga sozinho mais sim com o grupo todo e eu acho que não existe desvantagem”;

Resposta 10:

“vantagem= é bom ganhar 'sozinho'. Desvantagem= não fez em grupo, não teve a ajuda de seus colegas”

“vantagens= todo mundo ganha, união, cooperação de todos”;

Resposta 11:

“vantagens é que você sempre vai está sempre jogando”

“as vantagens é que essa pessoa sempre estará ajudando as outras e isso é legal”;

Resposta 12:

“Vantagens por que é bom saber que ganhar e desvantagens por algumas pessoas num jogo não vai gostar de não ter participação. Você vai passar com o seu desempenho claro que as vezes os amigos dão uma força, mas em tudo quem tem que se ferrar e nois mesmo”

“Vantagens e porque ninguém fica de fora cada um dá a sua opinião, e desvantagens por que algumas pessoas queria ter ganha com o seu grupo”;

Resposta 13:

“Vantagens= porque você ganhando (1º lugar), você será mais bem visto pela sociedade. Desvantagens= você terá inimigos, adversários”

“Vantagens= você se sentir bem em ajudar os outros. Desvantagens= você poderá não receber a mesma ajuda do seu próximo, igual você o ajudaria”;

Resposta 14:

“As vantagens e competir e mais importante ganhar. E as desvantagens é você competir e não ganhar” e “As vantagens e você ajudar e ser ajudado. E a desvantagem é você ajudar e não ser ajudado”;

Resposta 15:

“As vantagens de ser competitivo é: conseguir a o que quer vencer etc. Desvantagens: não ajudar as pessoas, pensar só em si mesmo”

“As vantagens: poder ajudar as pessoas. Desvantagens: não conseguir o que quer, ou seja, não tem lógica alguma”;

Resposta 16:

“As desvantagem são: vamos ter dificuldades a mais em saber”

“A vantagem são: será mais facil para que possam memorizar melhor que estarão fazendo”;

Resposta 17:

“As vantagens são que você pode ser bem sucedido e alcançar seu objetivos e a desvantagem é que você pode ser egoísta”

“As vantagens são você tem mais chance de alcançar seu objetivo e a desvantagem é que você pode não aprender a ter um raciocínio rápido”;

Resposta 18:

“as vantagens são que você acaba ganhando ou perdendo e as desvantagens são que você pode acabar perdendo”

“as vantagens são que ser cooperativo é mais facil de ganhar ajudando um ao outro, as desvantagens são que você acaba sendo prejudicado por outra pessoa”;

Resposta 19:

“As vantagens de ser competitivo é que você que sempre um jogo bem jogado sempre o melhor. As desvantagens são que você começa só a querer ganhar”

“A vantagem e você ajudar um proximo, e as desvantagens e que não ganhar nada em troca”;

Resposta 20:

“As vantagens de ser competitivo é que sempre você pensa em ganhar e as desvantagem é que você não se contenta em perder porque seu pensamento é ganhar”

“As vantagens de ser cooperativo é que sempre você ajuda os outros e é muito bom”;

Resposta 21:

“Que você pode ganhar e ao mesmo tempo pode perder”

“A unica é vantagem porque você pode ser ajudado, e não tem desvantagens a desvantagem é não ser cooperativo”;

Resposta 22:

“Vantagens: às vezes ser campeão. Desvantagens: perder, porque num jogo a pessoa só vai querer pra ela”

“Vantagem: unidos a equipe tem mais chance de ganhar. Desvantagens: acho que na minha opinião não tem”;

Resposta 23:

“A vantagem: é que você ganha algo. Desvantagem: pode perde amigos com essas vitórias”

“vantagem: você ajudar a pessoas com que se presiza. Desvantagem:...”;

Resposta 24:

“As vantagens são boas por ser competitivo você briga para ganhar alguma coisa”

“As vantagens são por que ser cooperativo o serviço rende mais”;

Resposta 25:

“Vantagens é que você tem que ser superior aos outros e desvantagens tem que ser competitivo”

“Vantagens é que você pode ajudar aos seus parceiros”.

Resposta 26:

“as vantagem e que quer ganhar e as desvantagens que tem medo de perder”

“as vantagens e que ajuda um ao outro e a desvantagem e que não emporta se quer ganhar ou perder”;

Resposta 27:

“As vantagens são que é bom ganhar. Não tem desvantagens”

“As vantagens são que você pode ajudar os outros, 'fazer o bem'. As desvantagens são que quando você ajuda as pessoas, tem algumas que vão começar a folgar nas suas costas querendo que você sempre ajude”.

Novamente os erros gramaticais, de concordância e falta de acentuação são pontos que chegam a nos incomodar no momento da leitura e tentativa de compreensão. Porém é possível (com um esforço considerável) o entendimento da maioria das respostas.

Observamos nestas duas perguntas que somente dois sujeitos têm claramente um posicionamento, são os autores das respostas 2 e 6. estes defendem as vantagens da competição, em detrimento das desvantagens da cooperação.

Porém, é óbvio a falta de conhecimento ou até mesmo de um entendimento mais aprofundado sobre o que realmente se trata os JC por parte dos discentes, como podemos observar em inúmeras respostas do tipo “nos jogos cooperativos só existem desvantagens porque as vezes você acaba perdendo por causa de outras pessoas” (resposta 6) ou até mesmo “ as desvantagens – da cooperação- são que você acaba sendo prejudicado por outra pessoa” (resposta 18).

Um dos pontos cruciais de diferença entre o raciocínio deste trabalho e o entendimento dos sujeitos desta pesquisa em relação ao conceito de cooperação é que estes demonstram entender a cooperação como apenas “ajudar o próximo”, mas para nós é também uma mudança de estrutura. Pois tratamos a cooperação como não simplesmente “ganhar com outro”, mas sim permitir que todos participem, que todos sejam iguais e tenham as mesmas possibilidades. E obviamente, mais uma vez é necessário ressaltar de que a cooperação para nós não é tratada como uma poupança na qual você pode sacar uma ajuda de alguém que já foi ajudado por você.

O principal a ser combatido para que seja possível de compreender o ideal dos JC é a quebra com o raciocínio capitalista, pois podemos observar que além da insegurança de saber se serão ajudados no futuro, vemos em algumas respostas a presença de um conceito, como já dissemos, de uma “cooperação capitalista”, onde na verdade, a cooperação aparece como um subsídio da competição, ou seja, não é algo que combate, mas pelo contrário, dá suporte.

6.5 Considerações Sobre os Questionários

Gostaríamos de nos expressar um pouco mais sobre as respostas obtidas nos dois questionários e o que aconteceu durante os jogos.

Importante ressaltar que os discentes por mais que demonstrem incerteza em relação à conceituação dos JC e também das diferenças cruciais sobre competição e cooperação, responderam, em sua maioria, na primeira pergunta do segundo questionário que o mais importante é uma pessoa ser cooperativa.

Por mais que também possa haver motivos imprecisos, como por exemplo ajudar o time a ganhar do outro, podemos ver que já é existente o início da contradição.

O que queremos dizer é que por mais que o discurso dominante de “ganhe a qualquer custo”, “seja o melhor”, “faça sua história” seja extremamente presente em nossas vidas (como apresentado até mesmo pelos discentes quando apontam a competição nos jogos, na escola e no mercado de trabalho), podemos observar que este mesmo discurso já contém em si mesmo a raiz de seu fracasso.

Pois, se analisarmos as respostas das últimas perguntas do segundo questionário, veremos que por mais que os discentes não tenham entendimento pleno do que são os JC, estes raramente defendem a competição cegamente.

Alguns dos argumentos freqüentes sobre as desvantagens da competição são o risco de perder a amizade, uma vitória que muitas vezes pode ser solitária (já que muitas vezes ganhar significa ignorar o outro que não é tão apto) e a decepção de não ganhar, já que o discurso dominante é que o ser humano só é completo se for um vencedor, se souber transpor as barreiras da vida, etc.

O mesmo aconteceu na forma cooperativa de jogar, mesmo com a exclusão de uma menina do grupo, podemos analisar que a aceitação do grupo em jogar e a sua participação, não corresponde aos comentários de “jogar JC é chato!”.

Ou seja, mesmo com dificuldades já é possível encontrar os argumentos que destruam o posicionamento competitivo, dentro do próprio posicionamento competitivo.

Não queremos com isso sermos otimista a ponto de ignorarmos as dificuldades e chegarmos a conclusão precipitada de que a revolução social encontra-se logo ali. Não é este o raciocínio.

Julgamos conveniente citarmos um trecho de Marx e Engels em que os autores defendem que :

Os elementos materiais de uma subversão total são, de um lado, a formação de uma massa revolucionária que se revolte, não só contra as condições particulares da sociedade existente até então, mas também contra a própria 'produção de vida' vigente, contra a 'atividade total' sobre a qual se baseia (MARX, ENGELS, 1984, p.57).

Porém, é complexa a formação desta massa revolucionária, pois não podemos nos sentir atraídos pelo idealismo hegeliano e nos esquecer que a consciência não é fruto do mundo inteligível (das idéias), mas sim do mundo sensível (concreto).

“A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real” (MARX, ENGELS, 1984, p. 36). Ou seja, a consciência depende da produção material, aquela mesma que “os homens contraem [...] independentes de sua vontade” (MARX, 1978, p.130).

Porém, a consciência mesmo sendo dependente da produção material, assim como a superestrutura, pode reagir. Ou seja, a consciência humana é condicionada em *última instância*.

Sendo assim que surge a massa revolucionária, pois são justamente os proletariados que vivem diretamente as consequências sociais dos meios de produção material. Sendo estes os herdeiros de uma futura revolução, gostando ou não desta idéia.

Entendemos que os discentes das escolas públicas, são na grande maioria das vezes, filhos do proletariado, pois não é na escola pública que são formados os líderes e as idéias dominantes, muito pelo contrário, é onde essas idéias são apenas repassadas e reafirmadas – se isso não acontece em todas as escolas públicas, porém é o objetivo de seus mantenedores, pontos os quais iremos explicar mais adiante.

Sendo os discentes de escolas públicas os herdeiros do legado de uma futura revolução, Marx e Engels explicam que cada geração que recebe independente de sua vontade a produção material de sua geração anterior, antes de passarem à próxima geração, imprimem a ela

suas próprias condições de vida, o que lhe causa um determinado desenvolvimento, o que decidirá “se as convulsões revolucionárias que periodicamente se repetem na história serão ou não o suficientemente fortes para subverter as bases de todo o existente” (MARX, ENGELS, 1984, p.56).

Partindo deste raciocínio é que entramos no último capítulo deste trabalho, onde defenderemos que a revolução deve ser iniciada pelo espaço escolar.

7 Jogos Cooperativos: Uma Necessidade na Educação Física Escolar.

7.1 Por Que (n) a Escola?

Iniciaremos falando sobre a importância da escola e da presença dos JC nesta, devido ao final do capítulo quatro termos citado um trecho no qual Marx atribui também à escola a causa da mansidão dos que foram expropriados de suas terras, de suas oficinas e de seus direitos, transformando-se na classe trabalhadora de nosso tempo.

Para Saviani (1983), o autor diz que a educação deve visar o homem e estar voltada para a promoção deste. O autor continua o raciocínio dizendo que historicamente a educação esteve preocupada em formar certo tipo de homem e que este tipo difere de acordo com as exigências de diferentes épocas.

Podemos concluir que se juntarmos o argumento antes citado de Marx e este último de Saviani, a educação esteve e ainda está preocupada em formar uma massa trabalhadora dócil, suscetível às vontades e anseios da classe burguesa, esta que muitas vezes controla até mesmo as diretrizes educacionais..

Não é muito difícil ouvirmos no discurso de diretores de escola e coordenadores pedagógicos, que o ensino deve preparar o aluno para o mercado de trabalho. Chegando até ser presente no 2º parágrafo do 1º artigo da Lei que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/ 96).

Ora, se em nosso país, segundo pesquisa do IBGE (09/ 2008) das 28,3 milhões de crianças de 7 a 14 anos, que já deveriam estar alfabetizadas, 2,1 milhões por mais que frequentem a escola, ainda são analfabetas qual será tipo de homem que nossa educação está preocupada em formar? Qual o tipo de trabalhador que estamos formando? Será que estão sendo formados os atuais líderes de empresas, donos de um imenso capital? Ou será o contrário, que está sendo formado a mão-de-obra que sustenta e produz o capital do dono da fábrica?

É de extrema importância que os envolvidos na educação façam um constante questionamento não somente de qual tem sido o tipo de homem formado, mas também qual tem sido a sociedade formada por esse tipo de homem e, por último, qual tem sido sua parcela de atuação neste contexto.

Logo, se concordamos que a educação tem se prestado a continuar fazendo com que os alunos de hoje sejam os dóceis trabalhadores explorados de amanhã, o que seria o ideal de educação? Como poderia promover o homem de fato?

Mas antes de responder qual seria “o ideal”, precisamos conceituar a educação.

Tanto para Marx quanto para Saviani (2000), o homem é capaz de trabalhar, ou seja, de transformar a natureza, intencionalmente, para que seja possível a continuação de sua existência, diferente dos animais que simplesmente se adaptam. E no trabalho existem duas diferenciações: o trabalho material e o não material.

O trabalho material é “a garantia da sua subsistência material com a conseqüente produção, em escalas cada vez mais amplas e complexas, de bens materiais” (SAVIANI, 2000, p.16). Mas como já dissemos, o trabalho humano se dá de forma intencional, ou seja, antes de produzir concretamente, o homem consegue produzir mentalmente.

Para melhor explicar esta parte podemos citar o exemplo que Marx (1983) fazia relacionando o pior dos arquitetos com uma abelha, pois esta constrói desde sempre o mesmo modelo de colméia, por instinto, enquanto o pior dos arquitetos é capaz de construir mentalmente diferentes tipos de casas.

E para que essa construção mental ocorra, é necessário antes o trabalho não material que, segundo Saviani, é a “produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana” (SAVIANI, 2000, p.16), sendo nesta classificação que se encaixa a educação, pois nada mais é do que produção do saber.

Mas ainda existem mais duas diferenciações dentro do trabalho não material: o que se separa do produtor e o que não se separa. O primeiro é o caso de livros e objetos artísticos, pois há um intervalo que separa o tempo após sua produção e o seu consumo, o que não acontece com a educação, pois não há intervalo entre produção e consumo, nas palavras de Saviani “o ato de produção e o ato de consumo se imbricam” (SAVIANI, 2000, p.16). Caracterizando então, não somente como um trabalho não material, mas também como um trabalho que não separa produto e produtor.

Agora sim, tendo conceituado a educação, podemos responder a pergunta antes feita: como a educação pode promover, de fato, o homem? Como seria uma educação ideal?

Para Saviani uma educação ideal que se preste a desenvolver de fato o homem “significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 2000, p.41).

E isto só é possível caso os alunos tenham acesso ao saber elaborado, sistematizado, pois é necessário dominar o que faz da classe trabalhadora continue sendo subalterna. Aprender e dominar o que é usado contra eles em um momento onde o conhecimento é medido.

Assim como o jogo que é um produto humano e contextual, assim também são os conteúdos escolares. A química, geografia, língua portuguesa, história e outras foram criadas para que o homem produzisse cada vez melhor e mais complexamente seus bens materiais. Portanto, devem ser de acesso e posse de todos os que passam pela instituição escolar, pois é este local o responsável por:

ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações, cuja ação e participação permita a continuidade e a sobrevivência da cultura e, em última instância, do próprio homem (GONÇALVES, apud SAVIANI, p. 51).

O domínio da cultura é indispensável para a participação política, sem esta é impossível fazer valer seus interesses como classe, pois é com a dominação dos mesmos conteúdos que a classe dominante legitima e consolida sua dominação (SAVIANI, 1983, p. 66), como foi o caso no feudalismo na França e atualmente na transformação de um número incontável de pessoas em mão-de-obra desqualificada e barata.

Importante também pensarmos que de nada adianta ficarmos repetindo este eterno refrão de sociedade com classe dominante e classe dominada, se o dominado não assimila os instrumentos os quais ele possa se organizar para se libertar (SAVIANI, 1983, p.66).

Mas se já vimos que a educação oferecida além de ser deficitária, presta-se a criar um tipo de homem que não é o que tomamos como ideal neste trabalho, onde e como os que pertencem a classe dominada, os proletários, podem aprender, assimilar o que até agora vem sendo de posse da classe dominante, burguesa?

7.2 Na mesma praça, no mesmo banco.

Sim, como na música “na mesma praça, no mesmo banco”, porém, com outros objetivos, com outros métodos, com outro comprometimento.

Sendo a escola institucionalizada e gratuita com o nascimento do estado burguês, devemos encarar que tendo uma política liberalista desta época, não é de intuito do governo que a escola crie indivíduos críticos e autônomos ou como diria Gramsci (1978), cidadãos que possam se tornar governantes. Pois, se isso acontecesse, o poder não estaria mais nas mãos de um pequeno grupo, mas sim nas de todos.

Não haveria explorações e a divisão social do trabalho.

Em resumo, não seria esta mesma sociedade na qual viveríamos.

Ou seja, se a escola não foi criada para criar indivíduos autônomos e críticos, mas acreditamos, com apoio em argumentos já citados, que é neste espaço que devemos iniciar nossa tentativa de revolução, pois é onde o indivíduo deve começar a ter acesso aos conhecimentos elaborados, então a escola caracteriza-se como um espaço de contradição.

O porque de trabalharmos dentro das instituições escolares já existentes, mesmo que nosso trabalho seja contraditório com os objetivos desta instituição, Saviani nos dá apoio em:

No que diz respeito às relações entre fins e meios no processo educacional, é preciso observar ainda, o seguinte: se geralmente está a nosso alcance definir novos objetivos para a nossa ação no campo da educação, frequentemente não está a nosso alcance a escolha dos meios adequados aos nossos objetivos. Defrontamo-nos, pois com o problema de usar meios velhos em função de objetivos novos. Com efeito, educar tendo em vista os objetivos propostos (...) exigiria instituições educacionais diferentes daquelas que possuímos, com uma organização curricular também diferente. No entanto, não nos é dado criar as novas instituições, independentemente das atuais. Nós temos que atuar nas instituições existentes, impulsionando-as dialeticamente na direção dos novos objetivos. Do contrário, ficaremos inutilmente sonhando com instituições ideais (SAVIANI, 1983, p.54).

Ou seja, na mesma praça e no mesmo banco, porém lendo um outro jornal.

E este jornal, no que diz respeito a este trabalho teria como manchete: “A Educação Física como um elemento auxiliador da transformação”.

Ou seja, se a Educação Física está como conteúdo da instituição escolar é sinal de que é fruto do trabalho humano e sendo assim, tem correspondência com os anseios de cada

momento histórico - não caindo no erro que cada momento é um momento independente, mas sim, estão situados no campo da “história real” (MARX, ENGELS, 1984, p.56).

Porém é evidente que não podemos defender os JC em uma perspectiva de Educação Física militarista, elitista.

Os JC só têm relevância em uma Educação Física que se defina como uma prática pedagógica que tematize atividades da área da cultura corporal (SOARES et al., 1992). Ou seja, que trate do jogo, do esporte, da dança, da ginástica, do circo.

Sendo o jogo uma das atividades da cultura corporal, ou seja, fruto de produção do homem, este deve ter acesso a este conteúdo e poder fazer dele o que for necessário para sua classe social e seu momento histórico.

Cabendo assim, ao JC fazer parte dos conteúdos da Educação Física escolar, com especial aplicação à instituição pública.

8 Considerações Finais

Tendo os JC surgido na prática social, eles se constituem em conteúdo da Educação Física escolar como saber elaborado referente à cultura corporal. Terminamos este trabalho com a certeza de que os JC são elementos favoráveis para serem utilizados a favor de uma transformação da sociedade por apresentarem idéias contra-hegemônicas, como por exemplo, a não premiação por mérito, a negação da sobrepujança.

Levamos em consideração que é muito complexa a formação de uma massa revolucionária, pois isto depende da produção material. Ou seja, a consciência por mais que seja determinada pela produção material, assim como os JC, por fazer parte também da superestrutura, podem reagir sobre a base, ou seja, podem causar uma transformação.

Porém, é neste ponto que entra a necessidade de professores de Educação Física comprometidos com a transformação social e a importância de sua atuação, como uma atuação crítica e ativa. Comprometidos não em reproduzir uma Educação Física que apóia e sustenta a política econômica de nossa sociedade, mas sim, comprometidos com uma sociedade igualitária e justa.

Não somente os professores de Educação Física, mas também devemos lembrar dos outros conteúdos escolares, pois um fato que chega até mesmo a incomodar neste trabalho é a falta de domínio da linguagem escrita por parte dos discentes.

Por mais que este fato seja compreensível, afinal, professores não recebem a devida valorização e não é de interesse do Estado que estes discentes tornem-se indivíduos plenos, não é aceitável. Pois são os professores e não o Estado que têm contato direto com os discentes e seus futuros.

Como ficou claro nas respostas dos alunos, as suas representações estão sobremaneira condicionadas pelas condições concretas de sua existência social.

A partir da ontologia do ser social de Marx, é possível superar as idéias e valores hegemônicos da sociedade capitalista porque estes surgem para sustentar a dominação do homem pelo homem, o que não é entendido como aceitável neste trabalho.

Os JC têm a função de auxiliar os alunos a perceberem que é possível a existência de outros valores que não os hegemônicos, tornando- os conscientes da necessidade de

negar idéias ligadas ao mérito, a sobrepujança e a contabilização de seus atos, permitindo assim, uma nova forma dos indivíduos se relacionarem.

Devemos ainda levar em consideração alguns pontos que podem ser melhor elaborados em um próximo trabalho com a mesma temática.

O primeiro é que, por mais que os questionários tenham sido elaborados da melhor forma possível, devemos analisar que poderiam ser escritos de uma forma um pouco mais simples. Ou seja, por mais que os alunos demonstrem, em sua maioria, não dominarem a língua escrita, este problema poderia ter sido amenizado com perguntas com um entendimento de mais fácil.

Outro ponto fundamental é que por mais que esta pesquisa tenha sido feita em uma escola considerada “muito boa para se dar aulas”, ou seja, onde se tem uma estrutura razoável, os discentes não apresentam grandes problemas de indisciplina, etc e que estes, inclusive, não somente já tiveram aulas sobre JC, mas têm um professor de Educação Física que possui trabalhos acadêmicos na área, podemos observar que mesmo assim, tudo isso não é suficiente, ainda para que pudessem assimilar profundamente os conceitos fundamentais dos JC.

Porém este problema de não terem entendido, ainda, os conceitos dos JC não deve ser analisado de forma precipitada, pois como podemos observar quando responderam que não têm o costume de jogar cooperativamente e a grande incidência de respostas caracterizando a escola e os jogos como ambientes competitivos, isto torna totalmente compreensível tal acontecimento.

Deixaremos bem claro, compreensível, porém, novamente, não aceitável.

Por fim, gostaríamos de citar que o nascimento deste trabalho se deu a inúmeros motivos, dentre eles a vivência, por parte da autora, de espaços que ao invés de privilegiarem o desenvolvimento da criança, de permitir a diversão, promoviam, em excesso, a competição. E também, não podemos nos esquecer de teorias que não eram contemplativas ao contexto da sociedade brasileira em relação aos JC.

Desejamos que este trabalho não cometa os mesmos erros que as tais teorias, porém, também não desejamos que este trabalho termine em si mesmo, pois assim como o título já diz, acreditamos que são as dúvidas que nos fazem caminhar, questionar e se forem suficientes, nos levar rumo a uma transformação da sociedade.

Apêndice 1

Questionário Inicial para Discentes
Acadêmica: Ana Carolina dos S. Gomes
Faculdade de Educação Física - Unicamp

Este questionário tem como objetivo recolher informações que demonstrem as representações de discentes (alunos) acerca da raiz da competição em jogos e na sociedade. Agradecemos desde já sua participação. Caso haja necessidade, favor utilizar a parte de trás da folha. Favor responder as perguntas à caneta.

1. Em sua opinião, as pessoas nascem ou não competitivas? Por quê?

R _____

2. Em sua opinião, qual a importância da competição na sociedade?

R _____

3. Em sua opinião, qual a importância da cooperação na sociedade?

R _____

4. Quando você participa de um jogo, qual é sua atitude, mais cooperativo ou competitivo? O que te motiva a ter essa atitude?

R _____

Apêndice 2

Segundo Questionário para Discentes
Acadêmica: Ana Carolina dos S. Gomes
Faculdade de Educação Física – Unicamp

Este questionário tem como objetivo recolher informações que demonstrem as representações de discentes (alunos) acerca da raiz da competição em jogos e na sociedade, após a vivência de jogos competitivos e cooperativos. Agradecemos mais uma vez sua participação. Caso haja necessidade, favor utilizar a parte de trás da folha. Favor responder as perguntas à caneta.

1. Você pensa ser mais importante uma pessoa ser cooperativa ou competitiva?

R _____

2. Em quais locais da sociedade, você pensa que a competição está mais presente? Por quê?

R _____

3. Quais são as vantagens e desvantagens de ser competitivo?

R _____

4. Quais são as vantagens e desvantagens de ser cooperativo?

R _____

Apêndice 3

Jogo do telefone sem-fio e mudo.

Forma competitiva:

Os alunos foram separados em 5 fileiras, todos sentados em suas respectivas carteiras.

Os últimos de cada fileira receberam 3 papéis, cada um deles contendo o desenho de um quadrado, de um círculo e de um triângulo. Estes papéis só poderiam ser virados um de cada vez.

Quando foi iniciado o jogo, os últimos das fileiras olharam qual era o desenho do primeiro papel e sem dar dicas, fez o formato do desenho passando a ponta do dedo indicador nas costas do companheiro que estava à frente e assim o desenho deveria ser passado, cada um desenhando nas costas do companheiro da frente o desenho que recebeu.

Caso o desenho recebido não fosse compreendido, era permitido pedir para o “desenhista” que repetisse somente mais uma vez.

Ao chegar o desenho no primeiro da fileira, este deveria desenhar usando papel e caneta, quando feito, deveria sinalizar para o último levantando o braço para que este pudesse ver o desenho seguinte.

Ganhava a fileira que terminasse primeiro os três desenhos e que conseguisse ser fiel aos desenhos originais.

Forma cooperativa:

No mesmo modelo que o competitivo no que diz respeito às fileiras e a forma de passar o desenho. Porém cada fileira recebeu a parte de um desenho final, no caso, as partes que formariam o desenho de uma flor. Foram elas: o caule tendo como base uma porção de grama, uma folha, o miolo, as pétalas e um galho com outra folha.

Inicialmente cada um passaria o desenho que o último recebeu, novamente desenhando nas costas do outro com o passar do dedo indicador, ao chegar no primeiro da fila, este desenharia o que foi lhe passado.

Feito isto, todos, com exceção dos últimos das fileiras (pois sabiam perfeitamente como era para ser o desenho), deveriam se unir para descobrirem juntos qual era o desenho que aquelas partes formavam, ou seja, deveriam, cada um com sua parte, entender e construir coletivamente o desenho final, no caso, a flor.

Referências

- BATISTA, S. R. Os Jogos Cooperativos e a Educação Física Escolar. IN: **Educação Física Escolar – Desafios e Propostas**. (2ª ed.) Jundiaí: Fontoura, 2006.
- BENCINI, R., Brincadeira Não Tem Sexo. IN: **Revista Nova Escola**. São Paulo:Abril, 203, páginas 104 – 107, jun/ jul. 2007.
- BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BRASIL. IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais – 2008**: Educação melhora, mas ainda apresenta desafios. Acessado em 27/09/ 2008. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1233.
- _____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Brasília.
- BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: o Jogo e o Esporte como Exercício de Convivência**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1999.
- BROWN, G. **Jogos Cooperativos: Teoria e Prática**. (5ª ed.) São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- COHEN, P. **Homo Sapiens 1900**. 84 min. Filme – Arte Factum, Suécia, 2007.
- ENGELS, F. Engels a Franz Mehring (1893). IN: **Cartas filosóficas e outros escritos**. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- GRAMSCI, A **Os intelectuais e a organização da cultura**. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HOBBSBAWM, E. J. **A Era das Revoluções: Europa 1789 -1848**. (7ª ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HUDSON, H. **Carruagens de Fogo**, 124 min. Filme – Fox, Inglaterra, 1981.
- LIRA NETO, Joaquim Francisco de. **Representações de discentes acerca das diferenças estruturais entre jogos competitivos e cooperativos: uma abordagem Histórico-Crítica**. 2005. 87 f. Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- MARX, K. **Os Pensadores**. (2ª ed. - 1978) São Paulo: Abril Cultural, 1959.
- _____. **O Capital – Crítica da Economia Política, Volume 1**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____, **A Origem do Capital – A Acumulação Primitiva.** (2ª ed.) São Paulo: Centauro, 2004.

_____, ENGELS, F. **O Manifesto Comunista.** (16ª ed.-2006) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1848.

_____, **A Ideologia Alemã (I - Feuerbach).** (4ª ed.) São Paulo: Hucitec, 1984.

MÉSZÁROS, I. **Educação para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

OLICK, T. **Vencendo a Competição:** Como Usar a Cooperação. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PRONI, M. W. Brohm e a Organização Capitalista do Esporte. IN: **Esporte:** História e Sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é o Humanismo.** Porto: Presença, 1962.

SAVIANI, D. **Educação:** Do Senso Comum à Consciência Filosófica. (3ª ed.) São Paulo: Cortez, 1983.

_____, **Escola e Democracia:** Teorias da Educação, Curvatura da Vara, Onze Teses Sobre a Educação e Política. (31ª ed. - 1997) Campinas: Autores Associados, 1983.

_____, **Pedagogia Histórico-Crítica – Primeiras Aproximações.** (7ª ed.) Campinas: Autores Associados, 2000.

SOARES, C. L et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** (12ª ed. - 2005) São Paulo: Cortez, 1992.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações:** Sobre a Natureza e suas Causas. São Paulo: Abril Cultural, 1776.

SCAGLIA, A J. **O Futebol e os jogos - bricadeiras com os pés:** todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164 f. Tese (Doutorado). Curso de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** (6ª ed. - 1999) São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SILAS, G. Cartas. IN: **Revista Nova Escola.** São Paulo: Abril, 204, pág. 12, ago.2007.